



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO
TOCANTINS CAMPUS PALMAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – HABILITAÇÃO EM LÍNGUA
PORTUGUESA**

RAYANE LUSTOZA DOS SANTOS

**ESCOLHAS LEXICAIS PIAUIENSES: O ENCONTRO ENTRE LÍNGUA E
CULTURA**

**PALMAS
2023**

RAYANE LUSTOZA DOS SANTOS

**ESCOLHAS LEXICAIS PIAUIENSES: O ENCONTRO ENTRE LÍNGUA E
CULTURA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Licenciatura em
Letras Habilitação em Língua Portuguesa da
Unidade de Palmas, do Instituto Federal do
Tocantins, como exigência à obtenção do título
de Licenciada em Letras Língua Portuguesa.

Orientadora: Profª. Dra. Ana Lourdes Cardoso
Dias

**PALMAS
2023**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Bibliotecas do Instituto Federal do Tocantins

S237e Santos, Rayane Lustoza Dos
ESCOLHAS LEXICAIS PIAUIENSES : O ENCONTRO ENTRE
LÍNGUA E CULTURA / Rayane Lustoza Dos Santos. – Palmas, TO, 2023.
54 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras - Habilitação
em Língua Portuguesa) – Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia do Tocantins, Campus Palmas, Palmas, TO, 2023.

Orientadora: Dra. Ana Lourdes Cardoso Dias

1. Léxico. 2. Piauiense. 3. Identidade. I. Dias, Ana Lourdes Cardoso. II.
Título.

CDD 400

A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio, deste documento é autorizada para fins de estudo e
pesquisa, desde que citada a fonte.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica do IFTO com os dados fornecidos pelo(a)
autor(a).**

RAYANE LUSTOZA DOS SANTOS

**ESCOLHAS LEXICAIS PIAUIENSES: O ENCONTRO ENTRE LÍNGUA E
CULTURA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Licenciatura em
Letras-Habilitação em Língua Portuguesa da Unidade de
Palmas, do Instituto Federal do Tocantins, como
exigência à obtenção do título de Licenciada em
Letras-Língua Portuguesa.

Aprovado em: 05/12/2023

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Ana Lourdes Cardoso Dias
IFTO — Campus Palmas

Profa. Ma. Fernanda Silva Neves
IFTO — Campus Palmas

Profa. Dra. Julia Alves Rodrigues Carvalhal
IFTO — Campus Palmas

A Deus e minha família, por me trazerem à vida e me darem razões para permanecer vivendo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ser o meu amparo e também impulso, me mostrando que mesmo quando trilho caminhos que não planejei, há coisas valiosas e memoráveis que eu só poderia vivenciar se este rumo fosse traçado, por isso, preciso ser corajosa e arriscar. A licenciatura em Letras, desde o início, foi essa rota diferente, porém, surpreendente para mim.

À minha mãe, Railde, por ser tão compreensiva, amiga e por acreditar que sempre há um propósito em todas as coisas e que, no fim, eu iria conseguir. Obrigada por deixar a vida mais leve e me incentivar a fazer o que, no fundo, verdadeiramente faz sentido para mim. Ao meu pai, Francisco José, por ter feito tudo que pôde para garantir que minha vida fosse confortável e que eu pudesse abraçar as oportunidades que viessem para mim. O senhor me ensinou que as ações falam. As suas sempre me falaram sobre amor, cuidado e proteção.

Agradeço ao meu irmão Bruno, a minha pessoa favorita no mundo. Você sempre esteve disposto a me ouvir e me amou a seu modo. Nossas conversas sobre a vida, literatura, linguística, arte e etc, nos momentos mais esporádicos, me mostram que a vida é sempre primeiro, sobre pessoas, depois, coisas.

Agradeço aos amigos que a faculdade me presenteou. Eduarda Maria, por ser compreensiva e companheira. Você me ensinou a correr pela vida no meu próprio ritmo, desfrutando do belo que se esconde nos dias ordinários. A preciosa Anne Caroline, que desde o início esteve para mim como um lugar de encontrar as risadas mais incríveis, conversas intelectuais profundas e permissão para ser vulnerável. Vitória Miranda, Danielle Azevedo, Yasmin Torres, Waleks, que tornaram o início da faculdade amável e empolgante, mas que traçaram outras rotas, sendo exemplos de coragem, determinação e paixão.

Agradeço também à Loreny, Sarah Alice, Amanda Esquinelli, Layane, Larissa, Amanna Faustino, Julia Regina, Bianca Chaves, Thallyta e Lucas Leite. Vocês tornaram a experiência do curso de Letras leve e agradável. De igual modo, aos amigos Mateus Ramos e Marco Antonio Pantoja, que me mostraram que as diferenças relativas aos nossos interesses profissionais jamais seriam empecilhos para a formação de uma amizade profunda e entusiasmante.

Agradeço aos professores que tive o prazer de encontrar no desdobrar da vida. Ronilda, você plantou os mais diversos questionamentos em minha mente quando me convidou para olhar a relação do homem com a linguagem, em *Vidas Secas*. Questionamentos estes que me trouxeram até aqui, a este trabalho. E agradeço a professora Júlia Cerutti, que no

meu período de regência supervisionada me fez perceber que era mesmo isso que eu queria. Ser professora, viver para ensinar e aprender. Seu sorriso constante, apesar do cansaço, me mostrou que existem recompensas que vão além do recurso financeiro.

Agradeço aos professores da licenciatura em letras no IFTO - Campus Palmas. Todos vocês, sem exceção, deixaram algum ensinamento ao passarem por mim. Em especial, a Mirelle Freitas, Wildes Andrade, Marcia Amaral, Denise Oliveira, Débora Castro e Fernanda Neves, que sempre foram compreensivos, companheiros e instigaram a minha curiosidade para pesquisar nos mais diversos assuntos, me tornando uma melhor acadêmica e pessoa. Aos docentes, André Lira, Nhaete Alcântara e David Siqueira – que tornaram a minha vida mais reflexiva, intencional e leve, através dos respiros em suas aulas de literatura.

À minha professora orientadora, em especial, sou grata por acreditar em mim. Você me disse que me enxergava voando longe, quando pensei em desistir. Depois de ouvir que você acreditava tanto no meu potencial, comecei a pensar que eu também deveria fazer o mesmo. Obrigada por ser tão paciente e compartilhar o conhecimento de maneira tão simples e ao mesmo tempo fundamentada. Você me ensina que o conhecimento, se for usado como objeto para segregar, de nada tem valor. Agradeço por comprometer-se tanto com este trabalho, que desde o início foi tão importante e valioso para mim.

Agradeço também às professoras Fernanda Silva Neves e Julia Alves Rodrigues Carvalho, pelo interesse e disponibilidade para ler o meu trabalho e acrescentar contribuições enquanto minha banca examinadora. De maneira geral, sou grata a minha família, minha tia-irmã Vanessa e minha sobrinha Angelina. Aos meus avós, Nelcino, Anaide e Maria Socorro, que foram amparo e incentivo, mesmo que talvez não saibam disso. É também por vocês, que me proponho a falar sobre este tema.

“A palavra é a pedra de toque da linguagem humana.”

Maria Tereza Camargo Biderman (1998)

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo identificar e analisar vocábulos presentes nas escolhas lexicais desempenhadas por falantes piauienses que moram em Palmas Tocantins, para entender os significados atribuídos a estes, as motivações tangentes a sua utilização e suas contribuições para a identidade linguística do falante. Em sequência, efetuou-se uma análise semântica e etimológica dos itens lexicais coletados através das 7 entrevistas que foram realizadas. Para isso, utilizou-se os dicionários de Cunha (2007), Ferreira (2004), Houaiss (2001, 2003, 2009) e Napoleão (2001), para examinar a origem e o significado correspondente a cada vocábulo. Além disso, os acervos literários também foram utilizados para compreender se os itens lexicais analisados eram dicionarizados e se os significados correspondiam ao apresentado pelos entrevistados. Ademais, efetuou-se a análise dos vocábulos a partir da sinonímia, sobretudo, dos significados e contextos de uso apresentados pelos falantes. À vista disso, foi possível perceber os processos semânticos dos quais se formaram as palavras. Em seguida, na discussão de dados tratou-se sobre as possíveis motivações dos falantes ao permanecerem utilizando os vocábulos, mesmo fora de seu estado de origem, bem como, se os significados encontrados nos dicionários eram coincidentes aos apresentados; os processos de formação de palavras ocorridas nos vocábulos analisados e se os itens foram encontrados em sua exata forma nos dicionários. Partindo do princípio de que esta é uma pesquisa qualitativa, explicativa e de campo, as análises e discussões se embasam nos linguísticos sobre etimologia e teorias da semântica que abordaram o processo de formação do português brasileiro, léxico e sinonímia. Isto, sobretudo, a partir dos autores: Guiraud (1980), Basílio (2007), Biderman (2001, 2002), Ilari e Geraldí (2006), Villalva e Silvestre (2014) e Matos e Silva (2004). Com base na pesquisa, constatou-se que os vocábulos permanecem sendo utilizados pelos falantes e são compreendidos no contexto cotidiano de Palmas-TO. De igual modo, que as escolhas lexicais estão relacionadas ao contexto sociocultural piauiense e contribuem para a manutenção da identidade linguística dos entrevistados e são riquezas para o léxico do português brasileiro, uma vez que são atravessados de história e significado.

Palavras-chave: Identidade; Léxico; Cultura; Sociedade; Piauiense

ABSTRACT

This work aims to identify and analyze words present in the lexical choices made by speakers from Piauí who live in Palmas Tocantins, to understand the meanings attributed to them, the motivations related to their use and their contributions to the linguistic identity of the speaker. Subsequently, a semantic and etymological analysis was carried out on the lexical items collected through the 7 interviews that were carried out. For this, we used the dictionaries of Cunha (2007), Ferreira (2004), Houaiss (2001, 2003, 2009) and Napoleão (2001), to examine the origin and meaning corresponding to each word. Furthermore, the literary collections were also used to understand whether the lexical items analyzed were dictionaryized and whether the meanings corresponded to those presented by the interviewees. Furthermore, the words were analyzed based on synonymy, above all, the meanings and contexts of use presented by the speakers. In view of this, it was possible to perceive the semantic processes from which words were formed. Then, in the data discussion, the possible motivations of speakers for continuing to use the words, even outside their state of origin, were discussed, as well as whether the meanings found in dictionaries coincided with those presented; the word formation processes that occurred in the words analyzed and whether the items were found in their exact form in dictionaries. Furthermore, assuming that this is qualitative, explanatory and field research, the analyzes and discussions were based on linguistics on etymology and semantic theories that addressed the process of formation of Brazilian Portuguese, lexicon and synonymy. This, above all, from the authors: Guiraud (1980), Basílio (2007), Biderman (2001, 2002), Ilari and Geraldi (2006), Villalva and Silvestre (2014) and Matos e Silva (2004). Based on the research, it was found that the words continue to be used by speakers and are understood in the everyday context of Palmas-TO. Also, the lexical choices are related to the sociocultural context of Piauí and contribute to the maintenance of the linguistic identity of the interviewees and are rich for the Brazilian Portuguese lexicon, since they are permeated with history and meaning.

Keywords: Identity; Lexicon; Culture; Society; Piauí

LISTA DE QUADROS

Figura 1 - Palavras e expressões apresentadas nas entrevistas.....	36
Figura 2 - Etimologia e significado dos itens lexicais <i>abestado</i> e <i>acanhado</i>	38
Figura 3 - Etimologia e significado dos itens lexicais <i>amancebado</i> e <i>aperreado</i>	40
Figura 4 - Etimologia e significado dos itens lexicais <i>arregar</i> e <i>bulir</i>	41
Figura 5 - Etimologia e significado dos itens lexicais <i>frescando</i> e <i>liseira</i>	43
Figura 6 - Etimologia e significado dos itens lexicais <i>mangar</i> e <i>papagaiado</i>	44

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO 1 – CONTEXTO HISTÓRICO-SOCIAL: TOCANTINS E PIAUÍ.....	14
1.1 TOCANTINS: O ESTADO MAIS NOVO DO BRASIL.....	14
1.2 ASPECTOS SOCIOCULTURAIS TOCANTINESES.....	16
1.3 O ESTADO DO PIAUÍ.....	18
1.4 ASPECTOS SOCIOCULTURAIS PIAUIENSES.....	21
CAPÍTULO 2 – LÍNGUA E SOCIEDADE.....	23
2.1 O PROCESSO DE FORMAÇÃO SOCIOCULTURAL DO PORTUGUÊS BRASILEIRO.....	23
2.2 A SEMÂNTICA E A SIGNIFICAÇÃO DAS PALAVRAS.....	26
2.3 O PROCESSO DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS.....	29
CAPÍTULO 3 – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	34
CAPÍTULO 4 – ANÁLISE E DISCUSSÃO DE DADOS.....	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	49
REFERÊNCIAS.....	51

INTRODUÇÃO

Desde o princípio, o Brasil esteve inserido em um contexto de diversidade linguística, ao considerar as inúmeras línguas indígenas faladas, bem como, os idiomas trazidos pelos colonizadores e imigrantes de outros países que vieram para esse território. Uma vez que a língua é viva e produto da interação humana nos mais diversos contextos sociais, os fatores históricos e culturais dos falantes piauienses influenciam na formação de vocábulos e nos significados atribuídos a eles.

Nessa perspectiva, a proposta deste estudo é analisar as escolhas lexicais de falantes do estado do Piauí que atualmente moram em Palmas Tocantins. Dessa forma, esse estudo relaciona língua, cultura e sociedade e busca responder os seguintes questionamentos: as escolhas lexicais utilizadas pelos migrantes piauienses são compreendidas no contexto cotidiano da cidade de Palmas-TO? Quais os possíveis fatores socioculturais que influenciam a escolha desses vocábulos?

Com base nessas indagações e em pesquisas prévias, surgiu a seguinte hipótese: as escolhas lexicais piauienses são influenciadas por fatores socioculturais relacionados à origem do falante e são compreendidas em Palmas Tocantins. Além disso, contribuem para a comunicação e identidade do indivíduo.

Com isso, a pesquisa justifica-se pelo interesse pessoal da pesquisadora a respeito das escolhas lexicais dos falantes da terra de seus descendentes, dado que ela encontrou nessas escolhas um reforço a sua própria identidade piauiense-tocantinense. Além disso, é uma forma de manter presente a herança linguística herdada de sua família paterna. Além disso, como futura docente, a pesquisadora reconhece a importância do entendimento desses termos no contexto de sala de aula.

Além de que, pela bibliografia consultada, percebe-se poucos trabalhos que abordam questões do léxico piauiense. Por essa razão, este estudo torna-se relevante pela importância de socializar o significado dessas escolhas lexicais na sociedade brasileira, para que mais pessoas possam conhecer a riqueza linguística e cultural presente nesses vocábulos. Em suma, busca-se também contribuir cientificamente com pesquisas linguísticas, principalmente do campo semântico, com foco no léxico de falantes piauienses.

Desse modo, o objetivo geral deste trabalho é analisar as escolhas lexicais piauienses, para compreender os motivos pelos quais os falantes piauienses que moram em Palmas-TO escolhem esses itens lexicais para a comunicação no cotidiano. Com o propósito de conhecer as significações e usos, e, dessa forma, contribuir para a valorização da identidade dos

falantes, por meio da socialização desses termos.

Em relação aos objetivos específicos projetados no início do estudo, foram eles: identificar itens lexicais utilizados no cotidiano de piauienses que moram em Palmas-TO; examinar a significação dessas escolhas lexicais por meio da sinonímia e estudo etimológico das palavras e interpretar de que forma tais escolhas lexicais contribuem para valorização da cultura, identidade, e herança linguística dos falantes piauienses.

Referente à natureza da pesquisa, classifica-se em qualitativa e de campo e também de fonte bibliográfica. O embasamento teórico desta pesquisa apoia-se nos estudos de Guiraud (1980), Basílio (2007), Ilari e Geraldi (2006), Biderman (2001), Mattos e Silva (2004) e Villalva e Silvestre (2014), além de outros que tratam questões do campo linguístico, principalmente sobre o léxico e semântica. Com relação à contextualização histórica dos estados Tocantins e Piauí, o trabalho embasou-se, sobretudo, em Dias (2018), Póvoa (2004), Nascimento (2019), Rufo e Sobrinho (2015) e Costa e Freitas (2020).

Em face do exposto, este trabalho divide-se em quatro capítulos. No primeiro capítulo, aborda-se o contexto geográfico dos estados Piauí e Tocantins, em que se expõe questões históricas e socioculturais. No segundo capítulo, trata-se da relação entre língua e sociedade, a formação do português brasileiro, questões socioculturais e identitárias, assim como a semântica, o processo de formação de palavras e a etimologia. No terceiro capítulo, apresenta-se os procedimentos metodológicos que nortearam a pesquisa. No quarto capítulo, encontra-se a análise e discussão dos dados e, por fim, as considerações finais e referências das bibliografias utilizadas no estudo.

CAPÍTULO 1- CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICO-SOCIAL: TOCANTINS E PIAUÍ

Neste capítulo, discorre-se acerca dos estados do Piauí e Tocantins. Inicialmente, trata-se sobre a presença dos primeiros colonizadores no solo tocantinense e o processo de emancipação com relação ao estado de Goiás. Em sequência, aborda-se aspectos gerais do estado e em específico, a Capital Palmas, cidade em que os participantes da pesquisa residem atualmente. Posteriormente, disserta-se sobre o estado do Piauí, também traçando considerações sobre a história e formação do local. Além disso, apresenta-se alguns aspectos da cultura piauiense, incluindo gastronomia, religião, artesanato e outros, e discute-se brevemente sobre o termo “piauiensidade”, apresentado por alguns autores que escrevem sobre a cultura do estado do Piauí. À vista disso, os tópicos a seguir são relevantes em razão da importância de se conhecer o cenário sociocultural anterior e atual que em que os falantes piauienses se inserem.

1.1 TOCANTINS: O ESTADO MAIS NOVO DO BRASIL

De acordo com Póvoa (2004), enquanto os portugueses desenvolviam as capitânicas de Pernambuco e São Vicente (São Paulo), com os engenhos de cana-de-açúcar, holandeses e franceses chegavam ao Brasil com destino às regiões norte e nordeste, para colonizar. Dessa forma, os paulistas, já experientes desde as primeiras bandeiras que saíram oficialmente de São Vicente e São Paulo, deslocavam-se em direção ao sertão do Tocantins, buscando minérios preciosos e capturando indígenas. O autor relata que embora não haja registros mais confiáveis, considera-se que Sebastião Marinho como o “descobridor” das terras hoje nomeadas tocantinenses.

Ainda conforme Póvoa (2004), o território que hoje compreende o Tocantins, era habitado por numerosos grupos indígenas, como os Croás, Afotigés, Apinajés, Aricobés, Carajahi, Carajás, Carijós ou Canoeiros, Craís, Gradaús, Javaés, Naraguajés, Xambioás, Avantes e Xerentes. Porém, com a chegada dos colonizadores e a indiscriminada determinação empreendida pelos exploradores, restam atualmente poucos grupos indígenas protegidos pelo governo. Assim, segundo o autor, são eles: Apinajés, Avá-canoeiros, Carajás, Javaés e Tapirapés, Craôs, Guaranis e Xerentes, que vivem da pesca, caça, agricultura e artesanato.

Cabe destacar que a região mencionada por Póvoa (2004) anteriormente – que passou por processo de exploração de minérios e dizimação de indígenas – por longos anos não foi

compreendida como estado independente. Referente a esse assunto, Dias (2018, p. 46), discorre que até outubro de 1988 “o estado de Goiás, incluindo a região do Tocantins, formava um único território jurídico-político.” Dessa forma, houve um longo e complicado processo de emancipação, envolvendo resistência e persistência nas etapas de luta política, para que a região do Tocantins fosse reconhecida como um estado independente no Brasil.

Frente ao exposto, a década de 1980 foi marcada pela luta por emancipação e, até alcançar esse objetivo, surgiram diversos movimentos políticos, justificando a necessidade de separação. Entre essas motivações, inclui-se: a região norte de Goiás ser desassistida e negligenciada pelos líderes políticos, o atraso econômico e a diferença cultural entre a região norte e sul de Goiás (DIAS, 2018).

Diante dessa demanda separatista, Póvoa (2004) acrescenta que em 1972, o então Deputado Federal Siqueira Campos, na condição de Presidente da Comissão da Amazônia, propôs a criação do Estado do Tocantins. E dois anos depois, o mesmo deputado apresentou uma Emenda ao Projeto de Lei Complementar nº 187, que criava o Estado o novo estado. Nessa perspectiva, o autor destaca que após superar dois vetos presidenciais e enfrentar uma greve de fome, José Wilson Siqueira Campos, trabalhando empenhadamente junto a diversas Comissões do Congresso e líderes partidários, “pelo artigo 13 do ato das posições constitucionais transitórias da carta de 1988, estava finalmente criado o estado do Tocantins, pelo desmembramento do estado de Goiás.” (PÓVOA, 2004, p.101).

Assim, janeiro de 1989 marca um novo tempo para o território e José Wilson Siqueira Campos é empossado como o primeiro governador. O Estado do Tocantins hoje localiza-se na parte central do Brasil e faz divisa com seis unidades de federação: Maranhão, Goiás, Pará, Mato Grosso, Bahia e Piauí (NASCIMENTO, 2019). Além disso, conforme os dados do IBGE (2010), o Tocantins dispõe de uma área de 277.620,9 Km². O território subdivide-se em 139 municípios e suas distâncias máximas são: 899,5 km na direção norte-sul e, entre os pontos extremos Leste-Oeste, são 615,4 km.

O Tocantins possui uma população de 1.383,3 mil habitantes, sendo 79% urbana e 31% rural. Conforme Nascimento (2019), estruturalmente os municípios do Tocantins são formados por zonas urbanas, em que é constituída do distrito sede que abriga a cidade e, em algumas situações, por outros distritos que ficam afastados da zona sede. Na zona rural é onde encontram-se povoados, comunidades ribeirinhas, reservas indígenas, fazendas, sítios, assentamentos e comunidade quilombola.

Além das comunidades indígenas e quilombolas, Nascimento (2019) aponta para os ribeirinhos e quebradeiras de coco-babaçu como representantes dos povos tradicionais do

estado. Na perspectiva do autor, esses são grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem desse modo. Possuem formas próprias de organização social e utilizam do território e recursos naturais para a reprodução cultural, social, ancestral, religiosa e econômica. Nas palavras do autor, esses povos dispõem de conhecimentos e práticas que são gerados e transmitidos por meio da tradição. Sobre duas dessas comunidades, o autor ainda ressalta que

Quebradeiras de coco, concentrados nas comunidades rurais dos municípios que ficam no extremo norte, região conhecida como bico do Papagaio, que utilizam a extração do coco babaçu para o sustento familiar e que pode ser usado na produção de óleo, carvão, cosmético, artesanato e ração para animais. [...] Quilombolas, grupos de negros que vivem predominantemente em áreas rurais, foram trazidos para a região como mão-de-obra escrava para os garimpos e demais atividades. Como em diversos outros lugares do Brasil, era comum que os escravos fugissem para lugares distantes e isolados, buscando uma vida livre, formando comunidades, chamadas de quilombolas. (NASCIMENTO, 2019, p. 116)

Dentro desse tema, o autor salienta que por muito tempo essas comunidades estiveram totalmente isoladas e sem assistência dos órgãos públicos e instituições sociais. Contudo, com a Constituição Federal de 1988, foram reconhecidas pela Fundação Cultural Palmares – órgão vinculado ao Ministério da Cultura. Referente a capital deste estado (local onde atualmente residem os participantes dessa pesquisa), com o intuito de substituir Goiânia – capital do Goiás – a cidade de Palmas foi fundada em 1989 e até os dias atuais é considerada a última cidade planejada para ser capital.

Nas palavras de Póvoa (2004), o nome para a Capital foi escolhido em homenagem à Vila de São João da Palma, sede da Comarca do Ouvidor Joaquim Teotônio Segurado e também em referência às palmeiras de diversas espécies encontradas no Estado, como o babaçu, o buriti, o tucum e outras. A cidade encontra-se às margens do rio Tocantins, na região central do estado. Possuindo uma localização estratégica, Palmas é um importante centro político, econômico, administrativo e cultural. Considerada a cidade mais populosa do estado, a capital vivencia um rápido crescimento desde sua fundação.

A economia de Palmas é bastante diversificada, dividindo-se, em grande parte, para a agropecuária, serviço público, prestação de serviços e comércios diversos. Além disso, apesar de estar inserida no estado mais novo do Brasil, a cidade apresenta um crescente cenário cultural, promovendo teatros, festas locais e exposições.

1.2 ASPECTOS SOCIOCULTURAIS TOCANTINENSES

Após a separação e emancipação política do estado do Tocantins, surgiu-se a necessidade de apresentar para o país aspectos culturais do novo estado que fazem parte da identidade cultural e que, principalmente, o distingue de Goiás. Por essa razão, muitos elementos foram empregados ao Estado a fim de caracterizar sua cultura e identidade, como por exemplo, o girassol, a bandeira, as festas e cavalgadas, entre outros elementos que até os dias atuais cooperam para a identificação do que se entende como identidade tocantinense. (DIAS, 2018)

Além disso, é importante ressaltar que, em consonância com Dias (2018, p.53) “o fato de algumas dessas atividades fazerem parte do quadro cultural do Estado de Goiás não as invalidam como instrumentos de identificação e divulgação da identidade do novo estado.” Logo, muitas manifestações culturais foram adaptadas para serem incluídas como parte da identidade cultural tocantinense.

Outro fator de peso na construção dessa identidade é a produção literária de autores tocantinenses. Na época, de acordo com Dias (2018, p.53) “a pretensão dessa literatura diferenciada é produzir um contexto cultural que seria capaz de caracterizá-lo, já que na época da divisão, Goiás possuía uma tradição literária estabelecida.” Além disso, nesse processo de formação identitária, algumas danças de origem africana, e aspectos da cultura indígena dos povos originários da região foram ganhando maior notoriedade e o devido reconhecimento.

Nesse viés, Nascimento (2019) discorre sobre alguns elementos culturais do Tocantins. Entre eles estão os símbolos naturais, que são as marcas da natureza como: a *pedra granada*, que representa os minerais. *O girassol*, considerado como flor símbolo. *A fava-de-bolota*, reconhecida como árvore símbolo, a *arara-amarela*, entre outros. O autor também apresenta inúmeros bens culturais reconhecidos pelo estado e distribuídos pelos municípios do Tocantins. Alguns deles são: *ruínas da casa do feitor*, na chapada dos negreiros ou *a feira do bosque*, *prédio que sediou a assembleia legislativa*, e *palhacinho*, em Palmas Tocantins. *O fervedouro* em São Félix, *as ruínas do arraial do Carmo* na cidade de Monte do Carmo, entre outros.

Com relação aos bens imateriais, Nascimento (2019) apresenta como exemplo a festa da soja e festa indígena, em Formoso do Araguaia, ou a festa de nossa senhora de Nazaré, na cidade de Nazaré. Da tabela disposta em sua obra, observa-se que muitos dos bens imateriais das cidades do Tocantins constituem-se em festas ou festejos da igreja Católica. O autor também aborda a gastronomia tocantinense, assegurando que é uma mistura de diferentes culturas, entre elas indígenas, afrodescentes e portuguesas e destaca pratos como: paçoca de carne, feijão tropeiro, galinhada com pequi, “chambari”, buchada e outros.

Quanto ao artesanato, o autor afirma que no Tocantins utiliza-se vários tipos de matérias-primas. Entre elas, principalmente, a cerâmica, fibras de babaçu e buriti, palha de milho, sementes do cerrado, ouro, e o capim dourado – muito comum na região do Jalapão e genuinamente tocantinense. Diante do exposto, constata-se que a sociedade tocantinense está fundamentada, sobretudo, na riqueza de cultura e, principalmente, na diversidade. Isso quer dizer que o Estado tem uma sociedade rica em elementos culturais, de origem étnica e historicamente diversificada.

Gouveira (2008) destaca que o Tocantins é reconhecido atualmente como o grande celeiro nacional para projetos de vida de muitas pessoas que se deslocam de todas as regiões do País. O autor discorre que os migrantes trazem não somente a capacidade de trabalho, mas também a cultura e costumes da terra de origem, contribuindo para o crescimento do estado e formação de identidade cultural. Por ser o Tocantins um estado em crescimento frequente, com muita possibilidade de progresso social e econômico, reúne muitos indivíduos das mais variadas regiões.

Por essa razão, o Tocantins se tornou um dos territórios procurados por quem busca por oportunidades e “dentro deste contexto, desde o início dos anos de 1990, pessoas de todas as regiões do Brasil migraram para o mais novo estado da nação em busca de um sonho, de uma vida nova (CONEXÃO TOCANTINS, 2013). Por isso, esse pode ser considerado um dos motivos pelos quais tenham vindo da região Nordeste uma ampla parcela da população tocantinense, com quase 230 mil migrantes.

Dessa forma, no próximo tópico aborda-se a contextualização histórica e sociocultural do estado do Piauí, terra de origem dos participantes da pesquisa.

1.3 O ESTADO DO PIAUÍ

A formação da cultura e costume no estado do Piauí é produto da interação de povos indígenas, europeus e africanos que habitavam no local ao decorrer dos séculos. Sobre isso, o próprio nome do estado é de origem indígena, derivado do tupi-guarani, e significa “*rio dos piaus*”. Localizado na região nordeste do Brasil, historicamente constata-se que a chegada dos primeiros colonizadores ocorreu no século XVII, período em que se encontrava heterogeneidade de indígenas, principalmente do tronco linguístico macro-Jê.

Pinheiro e Moura (2009) discorrem que nesse período, os colonizadores atraídos pelas espaçosas terras e abundâncias de rios – condições ideais para a criação extensiva de gado – mais desbravadores se espalharam pela área intermediária entre a bacia do rio São Francisco e

região do Maranhão. Estes, tornaram-se donos de currais, expulsaram e dizimaram a população indígena existente no local. Na mesma concepção, Lima (2020, p. 10) complementa que o “processo de colonização do Piauí resultou na dizimação de várias etnias e a formação de uma estrutura social, política e econômica nos moldes mercantil e escravista.” Antes da colonização, estima-se que existiam cerca de 150 diferentes povos indígenas habitando a região que hoje se conhece como Estado do Piauí.

A despeito do processo de colonização exercido na época, Franco (2014) comenta que “civilizou-se” os povos originários mediante aldeamentos religiosos, escravidão e assassinato em massa dos indígenas considerados “selvagens” pelos colonizadores. Entretanto, o autor destaca que apesar dos ataques violentos aos indígenas, em virtude da necessidade de lucro, ou mesmo pela “catequização” ou “civilização” por parte da igreja, os indígenas não deixaram de resistir, como exemplo, quando submetiam-se a cultura do colonizador, de forma dissimulada, para manterem-se vivos.

Diante disso, pode-se constatar que nesse período da história do Piauí, para além do genocídio – com a morte física do povo indígena – ocorreu também um etnocídio, que foi a “a descaracterização e absorção de uma determinada cultura em relação à outra na história piauiense.” (FRANCO, 2014, p.4), que, nesse contexto, configura-se no apagamento da cultura indígena com o surgimento dos colonizadores.

Cabe salientar também que a ocupação do território piauiense foi exercida essencialmente por “pequenos agricultores, investidores e vaqueiros baianos que instalaram as primeiras fazendas de gado próximas aos cursos d’água da Bacia do Rio Parnaíba” (RUFO; SOBRINHO, 2015, p. 1). Diante disso, com o passar do tempo, em 1811 – com a formação dessas fazendas de gado e os pequenos povoados se transformando em vilas – o território piauiense torna-se oficialmente uma capitania. Assim, foram dessas primeiras vilas que originaram-se as atuais cidades do estado do Piauí.

Além disso, cabe é relevante mencionar sobre a presença dos povos africanos que também povoaram o local no processo de colonização. Nepomuceno (2020, p.10) enfatiza que “pouco conhecemos sobre a história dos primeiros escravos africanos que chegaram ao território, e reconstituir os traços históricos sobre esses sujeitos históricos não é tarefa fácil, em razão das muitas lacunas existentes”. Contudo, a autora expõe que muitos dos africanos que habitaram os solos piauienses naquela época vieram juntamente com seus senhores, ou chegaram depois, comprados nos mercados da Bahia, Recife ou São Luís, para auxiliar no desenvolvimento da pecuária, na agricultura do algodão, milho e arroz e na economia de subsistência.

Nepomuceno (2020) acrescenta que a localização geográfica do Piauí facilitava a importação de cativos, pois, encontrava-se em um local estratégico, dado que havia uma rede de mercadores de escravos indo da Bahia em direção ao Maranhão; outra, indo do Oeste para o leste, com saída em São Luís até chegar no Piauí e também tráfico do atlântico, facilitado pelo eixo que alcança o litoral piauiense.

Atualmente o Estado do Piauí apresenta um total de 224 municípios, fazendo fronteira com os estados do Pernambuco, Ceará, Maranhão, Tocantins e Bahia. Segundo o IBGE (2022), a população total do Piauí é de 3.269.200 de pessoas e na contemporaneidade, os índices de cidadãos residindo no campo ainda é grande em vários municípios do Piauí, principalmente na região sul do estado.

Outrossim, de acordo com Rufo e Sobrinho (2015, p. 20), a região urbana no Piauí comumente é “caracterizada pelo crescimento dos índices de urbanização e o “esvaziamento” do meio rural”. Entretanto, apesar dos que trocam o campo pela cidade, ainda há inúmeros cidadãos residindo no campo, em regiões distantes do centro urbano, principalmente quando trata-se do sertão piauiense.

Além dessa temática, Borges (2012) comenta que diversos veículos de mídia nacional, em incontáveis situações, apresentaram o Piauí como um povo e Estado que não evoluem, que permanecem estagnados. É evidente que esse tipo de discurso constrói, aos poucos, uma imagem negativa do Estado e que faz com que muitos indivíduos, ao pensar na região e povo piauiense, ignorem a riqueza de diversidade e cultura que eles apresentam. Por esse motivo, muitos são impulsionados, pela própria mídia, a se fixarem no “acúmulo de camadas discursivas que há bastante tempo vem lançando, sobre o Estado e o povo, imagens que se cristalizaram e que juntas inventam o Piauí e o piauiense” (BORGES, 2013, p. 2), contribuindo para que essas concepções erradas e negativas sejam entendidas como “piauiensidade” por outros brasileiros.

Nesse sentido, Costa e Freitas (2020, p. 4) ressaltam o quanto esses discursos cooperam para a formação de uma suposta “identidade” piauiense, e por esse motivo, asseguram sobre a necessidade de se veicular discursos promovedores da piauiensidade, que tenham como propósito expor aspectos de valor e positividade referente a cultura e povo. Em vista das colocações dos autores, é em concordância com esse pensamento que o presente trabalho se desenvolve, na busca por apresentar a riqueza do falar piauiense, que está diretamente associado ao valor de sua cultura abrangente. Nessa perspectiva, espera-se com este trabalho também contribuir para a propagação da verdadeira piauiensidade, que vai além do que é exposto na mídia.

Ainda sobre “piauiensidade”, Costa e Freitas (2020) destacam que é um o termo que tem ganhado espaço quando a questão é tratar sobre as memórias, histórias e fundamentos culturais do povo piauiense. Segundo Souza (2008, p. 7), “o termo “piauiensidade” sintetiza os atributos que identificam o Estado do Piauí, o que ele é ou o que o diferencia no conjunto das alteridades federativas”.

Moraes (2012) também menciona sobre o termo ao elucidar que piauiensidade é também colocar em evidência as principais vantagens competitivas do Piauí. Nas palavras do autor, é expor a vocação do estado do Piauí para o setor primário, bem como, o avançado setor de serviços, de reconhecida evolução profissional em várias áreas do conhecimento, da riqueza cultural, das histórias e lutas, das tradições do Piauí. Para ele, são essas qualidades que refletem a credibilidade do que é produzido no estado. Assim, piauiensidade é também o ato de empoderar-se da verdadeira cultura, riqueza e identidade piauiense.

A partir do exposto, no tópico a seguir será apresentado aspectos marcantes da cultura piauiense e que atuam como reforço à “piauiensidade” do falante.

1.4 ASPECTOS SOCIOCULTURAIS PIAUIENSES

Um dos aspectos que fazem parte da cultura piauiense é a forte influência do catolicismo. Pinheiro e Moura (2009) tratam dessa temática e justificam a presença substancial da igreja católica no Piauí em vista do processo de colonização. Ademais, os autores complementam que essa marca da presença católica é responsável pelo substrato cultural do estado ser profundamente religioso. E, que permanece, com modificações e interferências, na formação cultural do estado piauiense. Na visão de Pinheiro e Moura (2009, p. 4), essa formação cultural pode ser facilmente identificada nas “formas de religiosidade popular, nas práticas devocionais como na reza do terço, nas novenas, nas procissões, nos festejos e nas celebrações aos padroeiros em cidades do interior.”

Para os autores, essa religião é tão importante para grande parte da população que há lugares como o *santuário de Santa Cruz dos Milagres*, no Piauí, que são direcionados à peregrinação e que recebe grande variedade de objetos trazidos pelos romeiros que ali se dirigem para pagar promessas. Ainda na perspectiva dos autores, essa questão religiosa também pode ser evidenciada na arte, essencialmente, na arte santeira. Esse é um tipo de arte que envolve os símbolos do catolicismo e “que pode estar ligada à arte popular de talhar, esculpir anjos, santos e confeccionar ex-votos, também chamados de “milagres”, fabricados sob encomenda dos fiéis” (PINHEIRO; MOURA, 2009, p. 7).

Martins (2014) também relata um processo artesanal que está presente no contexto sociocultural piauiense. A *carnaúba* – palmeira que produz palhas amplamente utilizadas no Piauí – é um elemento muito importante para a produção de tarrafas, escovas, vassouras, chapéus, bolsas, redes, esteiras e até cobertura de casa. Referente à gastronomia, Soares (2018) elucida que no legado alimentar piauiense encontra-se influência direta de imigrantes estrangeiros, seja dos bandeirantes, indígenas ou africanos. Assim, a alimentação do piauiense sofreu muitas adaptações ao decorrer de sua história. Da influência indígena, conforme o autor, herdou-se o cultivo da mandioca, pratos à base de milho e a carne-seca. E alguns doces típicos da região do Piauí são: doce de caju, doce de buriti, doce de limão, e a cajuína, bebida não alcoólica feita a partir do suco do caju.

Há também a produção de cerâmica como prática popular do Piauí, com a construção de potes, vasos e outros objetos. Negreiros e Pinheiro (2012) comentam que este é um processo que conta com uma rica elaboração. Para os autores, a criação e utilização do barro para o cotidiano é também uma forma de perceber o homem piauiense como um artesão de sua própria vida, uma vez que transforma a “labuta” em prazeres que o integram ao seu meio social.

Outros elementos que agregam à cultura e colocam em evidência o cenário social piauiense é a literatura de cordel – muito comum na região Nordeste, no geral – a arquitetura histórica, abrigando importantes patrimônios arqueológicos em seu território, como a cidade de Oeiras e o Parque Arqueológico Nacional Serra da Capivara. Como também, as festas populares: o Carnaval de Parnaíba, o Festival de Inverno de Pedro II, a festa do Divino Espírito Santo, entre outros.

Em síntese, como este trabalho se propõe a estudar as escolhas lexicais feitas por falantes piauienses que residem na cidade de Palmas Tocantins, foi importante conhecer, em primeiro lugar, a história e cultura desse povo, observando o contexto em que estiveram inseridos e se inserem atualmente. Em sequência, no próximo capítulo encontra-se as discussões que relacionam língua e sociedade, abordando o processo de formação sociocultural do português brasileiro, bem como, a significação das palavras a partir da semântica, a etimologia, o léxico e processo de formação dos vocábulos.

CAPÍTULO 2 – LÍNGUA E SOCIEDADE

Neste capítulo, encontra-se a fundamentação teórica referente aos estudos linguísticos que respaldam o trabalho. Tendo em vista que a pesquisa trata de escolhas lexicais no contexto real de uso, é importante discorrer sobre aspectos semânticos envolvidos no processo. Além da etimologia dos vocábulos escolhidos e as questões socioculturais associadas à de significação de palavras da língua. Desse modo, é relevante abordar também o contexto de formação sociocultural do português brasileiro, para entender de que maneira outras línguas foram responsáveis por influenciar na construção de itens lexicais que são comumente utilizados.

2.1 PROCESSO DE FORMAÇÃO SOCIOCULTURAL DO PORTUGUÊS

O século XVI foi o período em que os portugueses levaram o seu idioma a vários pontos do mundo, incluindo o Brasil, em decorrência das grandes navegações que tinham como intuito a colonização da América e de outros continentes. De acordo com Biderman (2001), aos poucos a língua e cultura portuguesa foi implantada no solo brasileiro pelos colonizadores por meio dos pequenos núcleos urbanos que foram se formando no território brasileiro. Assim, nos primeiros séculos, com a chegada dos padres jesuítas, a aculturação dos povos também se desenvolveu a partir do ensino do idioma dos colonizadores aos indígenas.

Todavia, Biderman (2002) indica que nesse contexto a língua portuguesa encontrou uma forma concorrente, o tupi – língua franca, predominante em grande parte do território e indispensável para a comunicação com os povos originários. Dessa forma, o processo de inserção do português como língua no Brasil deu-se em uma conjuntura em que diversas línguas já existiam e eram utilizadas pelos povos originários. Conforme Mattos e Silva (2004), os nativos já usavam mais de mil línguas autóctones, de diferentes grupos linguísticos, em que, lamentavelmente, 85% foram dizimadas com a invasão e colonização portuguesa.

Além disso, Biderman (2001) apresenta outra questão marcante desse cenário, visto que a partir do século XVI até XIX, povos africanos começam a ser importados pelos portugueses para serem escravizados no Brasil. Nesse contexto, a autora discorre que durante quatro séculos – com mais de cinco milhões de africanos chegando ao território brasileiro – o cenário linguístico do local, além de integrar línguas indígenas e o português europeu, contou com o uso de línguas africanas, tais como:

Iorubá (ou ioruba) e nagô (da Nigéria), gege (do Daomé), mina (da Costa do Ouro), mandinga e haussá (da Guiné e da Nigéria), línguas bantus (de Angola e do Congo), cambinda, fula etc. Na formação da sociedade e da cultura brasileiras foi enorme a influência africana nos costumes e na cultura em geral (cozinha, religião, música, atitudes). (BIDERMAN, 2001, p. 963)

Nessa perspectiva, Mattos e Silva (2004) ressalta que em 1583 o Brasil já apresentava uma população de 24.750 brancos, 14.100 negros e 18.500 indígenas aldeados. Informação histórica como essa é de grande relevância, em razão de contribuir para a reconstituição histórica do passado linguístico em que se formou o português brasileiro. Para a autora, a história das línguas passa, inevitavelmente, pela história demográfica de seus falantes.

Biderman (2001) reitera que diante dessa intensa miscigenação de indígenas, brancos e africanos é que se formou a população mestiça, em que provavelmente falava-se um crioulo com contribuições linguísticas de línguas africanas e indígenas. Assim, segundo a autora, em todo esse processo, o português sofreu diversas influências que se manifestaram, principalmente, na fonética e vocabulário do idioma. E a esse respeito, tanto os indígenas como africanos, aprenderam o português por necessidade, mas deixaram marcas profundas na língua falada no Brasil, sobretudo, no léxico.

Cabe acrescentar que com a chegada da família real portuguesa no território brasileiro, tem-se o início de um novo cenário no local, em vista de que, “a abertura dos portos possibilitou o comércio com vários países do mundo e não apenas com Portugal, incrementando a comunicação com outros povos. Dessa forma transformou-se totalmente o panorama cultural brasileiro” (BIDERMAN, 2001, p. 964) e como consequência, a língua também sofreu os impactos dessa transformação.

A esse respeito, Biderman (2001) afirma que é a partir de 1950 que se tem uma mudança efetiva e substancial na era desenvolvimentista do Brasil, pois, desde o final do século XIX, e ao longo do século XX, a imigração estrangeira, das mais diversas regiões do mundo, era crescente em direção ao país. A autora menciona que entre eles, espanhóis, italianos, alemães, poloneses, húngaros, russos, japoneses, chineses, coreanos, e outros, foram chegando sucessivamente ao Brasil e se estabeleceram, principalmente, na região sudeste. Esses imigrantes foram importantes contribuintes para as transformações na língua e cultura do país, deixando suas marcas no léxico do português brasileiro.

Com base nesse contexto linguístico, que conta com a participação de imigrantes de diversas regiões do mundo, Mattos e Silva (2004) ressalta que ainda está por ser reconstruído, com mais detalhes, esse processo de encontro entre a língua portuguesa (língua de dominação), com as línguas indígenas, africanas e os diversos outros idiomas de estrangeiros.

Fato esse que tornou o território brasileiro – multilíngue de origem – ainda mais complexo no que diz respeito às questões linguísticas.

Mattos e Silva (2004, p. 22) assegura que certamente é no processo de mesclar “variantes localizadas menos ou mais interferidas por marcas indígenas e/ou africanas, de variantes mais gerais menos ou mais africanizadas ou menos ou mais aportuguesadas que se definem e emergem os traços característicos do português brasileiro.” Dessa maneira, é nesse cenário que se estabelece o português brasileiro, em meio ao multilinguismo e a vasta riqueza de costumes e cultura. Nesse sentido, constata-se que desde o princípio, o cenário sociocultural do Brasil foi de diversidade, principalmente, linguística. E é importante considerar esse contexto social e linguístico brasileiro porque a língua é uma atividade social que ao ser analisada, não deve estar isolada de sua conjuntura de formação.

Cabe acrescentar que a linguagem é o meio pelo qual os indivíduos comunicam-se, além de evidenciar a identidade do falante, pois, por meio da língua, é possível identificar o país, região ou o grupo específico do qual o falante faz parte. Na perspectiva de Hall (2006), a identidade não é inata, mas constrói-se ao decorrer do tempo, a partir de processos que sucedem, de maneira inconsciente, com base nas vivências do indivíduo. Complementando esse pensamento, Brayaner (2007, p. 6) reitera que para compreender a identidade de uma pessoa primeiramente deve-se considerar “sua história de vida, a história de sua família, o lugar de onde veio e onde mora, o jeito como cria seus filhos, fala e se expressa”.

Aliado a isso, Lopez e Dittrich (2005) frisam que a identidade – seja ela social ou linguística – constrói-se considerando o contexto de inserção e o discurso utilizado por seus interlocutores. Em vista de que, de acordo com os autores, foi por meio da interação que os humanos foram adquirindo características próprias que são intransferíveis, definindo-se de maneira mais intensa a cada dia sua identidade linguística e social. Nesse viés, é possível compreender que a identidade se estabelece a partir de diferentes contextos e situações, mas a linguagem é o veículo comunicativo implicando a todos eles.

Com base nisso, Lopez e Dittrich (2005) ressaltam que a partir da disseminação da compreensão sobre identidade linguística, pode-se colocar em evidência as distinções de fala de habitantes da mesma nação e, diante disso, hoje é possível observar grupos linguísticos bem definidos e bem díspares em várias regiões do país. Sob tal perspectiva, a língua coopera para a formação e manutenção da identidade a partir da sua perpetuação dentro de contextos comunicativos. Em face do exposto, na seção seguinte é abordado aspectos linguísticos do campo semântico, os quais também são de fundamental importância para a análise de dados.

2.2 A SEMÂNTICA E A SIGNIFICAÇÃO DAS PALAVRAS

Tendo em vista as complexibilidades de uma língua, principalmente quando se trata da formação de novos significados, a semântica é a ciência — dentre os demais ramos da linguística — que se encarrega de estudar as relações entre as palavras (GUIRAUD, 1980). O autor afirma que a língua é um sistema de signos que serve para a comunicação de ideias. O signo provoca uma imagem conceitual das coisas. O autor também discorre que significação é o processo em que se associa um objeto, um ser, uma noção ou um acontecimento a um signo capaz de os evocar.

Ou seja, esse significado evocado é capaz de indicar, por exemplo, que “uma nuvem é sinal de chuva, um franzir de sobrancelha sinal de perplexidade, o latido de um cão um sinal de cólera, a palavra “cavalo” é o signo do animal” (GUIRAUD, 1980, p.15). De acordo com o autor, o signo é um estímulo que associado a um outro estímulo do qual ele evoca, cria uma imagem mental. Para tanto, a semântica, ao estudar os significados e como se dá o processo de significação, não analisa a língua de maneira isolada, uma vez que também considera os fatores externos à língua como contribuintes para a produção de significados.

Nessa perspectiva, Cançado (2008) salienta que todas as línguas dependem de palavras dotadas de significado e cada palavra está convencionalmente associada a pelo menos um significado. Dessa forma, uma teoria semântica deve, em relação a qualquer língua, buscar atribuir a cada palavra e a cada sentença o significado (ou significados) que lhe(s) é (são) associado(s) nessa língua. Por essa razão, é importante para este trabalho reconhecer tanto os significados dicionarizados que correspondem aos itens lexicais analisados como, sobretudo, identificar quais as significações atribuídas pelos falantes piauienses.

De maneira análoga, para Guiraud (1980), as palavras são criadas com a finalidade de nomear as coisas, seja porque elas ainda não tenham ou porque os nomes que elas possuem não mais realizam de maneira eficiente a sua função. A partir dessa situação, ocorre a formação de novos itens lexicais, isto é, para atender a necessidade de nomeação. O autor também apresenta o sentido de base e o sentido contextual de uma palavra e afirma que eles não se superpõem. Segundo ele, em uma determinada situação há sempre um único sentido, que corresponde ao sentido contextual, indicando a uma única imagem conceitual. Todavia, apesar dessa afirmação, o autor acrescenta sobre os valores estilísticos com o intuito de exprimir emoções, desejos e intenções do falante, assim como, associados a um grupo ou contexto social. Dessa forma, o autor conclui que existem valores expressivos e valores

sociais.

Dessa maneira, quando se investiga uma língua, não se deve partir da premissa de que há apenas um sentido insubstituível para cada vocábulo. A todo momento novas palavras são formadas, estruturas modificadas e significados conseqüentemente são gerados, dentro da esfera prática e viva da própria língua. E para Cançado (2008) o semanticista é o estudioso que busca descrever esse conhecimento que o falante tem de sua língua.

Para o linguista Bagno (1999) a língua mantém-se enquanto organismo vivo e dinâmico em constante movimento. Ou seja, “toda língua é uma língua em decomposição e em recomposição, em permanente transformação” (BAGNO, 1999, p. 144). Isso explica o fato de que facilmente pode-se encontrar, em um idioma, palavras que são reconhecidas, mas que já não são tão utilizadas pelos falantes porque caíram em desuso. Assim como, na mesma medida, há novos significados sendo formados a partir de vocábulos já comumente conhecidos.

Esse fenômeno ocorre porque a língua é heterogênea e influenciada por diversos fatores, tais como: históricos, geográficos, sociais e culturais. Devido à vivacidade da língua, com constância o português brasileiro passa por processos, mudanças e adaptações, acompanhando e auxiliando o corpo social a desenvolver comunicação nas mais variadas situações. Como mencionado por Antunes (2012), tudo está em processo de definição e redefinição, incluindo as concepções que se tem sobre as coisas. Conseqüentemente, a linguagem transforma-se a partir das mudanças que acontecem no corpo social e das necessidades exigidas nos contextos comunicativos.

Desse modo, mesmo que uma palavra já possua um sentido e este seja reconhecido e dicionarizado, nada impede que o significante receba outros significados, dentro de contextos variados. Portanto, deve-se considerar que a linguagem acompanha a dinâmica do corpo social, o que torna possível a formação de novas noções do vocábulo pela própria comunidade falante.

Nas palavras de Tarallo (2007, p. 8), a razão para isso justifica-se por existir, no português brasileiro, “diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade”. Por conseqüência, há palavras da língua portuguesa que, dependendo da região ou comunidade, podem ser utilizadas para expressar um significado totalmente distinto ao que se conhece em outras localidades.

Outrossim, cabe acrescentar sobre o valor identitário existente na configuração desses novos significados dentro de comunidades e regiões específicas do Brasil. Os itens lexicais dispostos por cada falante são constituídos e influenciados a partir do seu local de

convivência, suas experiências, educação que recebeu, interesses, ambiente cultural e social, entre outros. Portanto, cada grupo social detém seus próprios elementos e configurações. O fenômeno semântico que trata desses vocábulos e seus significados é a sinonímia, que explica o porquê de existir mais de uma palavra com igual ou semelhante significado.

Dentro do assunto, Cunha (1975, p.38) acrescenta que “nenhuma língua permanece a mesma em todo o seu domínio”, considerando que surgem variedades de ordem geográfica, social e até individual. Para o autor, cada falante busca utilizar o sistema idiomático da maneira que melhor lhe exprime o gosto e pensamento. Ao analisar essa questão no âmbito do contexto brasileiro, rico em cultura e diversidade, pode-se pontuar que dentre os 26 estados e um Distrito Federal – em que se divide o território brasileiro – é possível encontrar uma ampla possibilidade de itens lexicais que podem ser utilizados pelos falantes, nos mais diversos contextos, para se expressar uma mesma ideia.

Isso explica quando o sulista escolhe dizer “*guria*” e “*guri*”, mesmo conhecendo “*garota*” e “*garoto*”, e ainda é compreendido com o mesmo valor de verdade. De modo semelhante, quando o nordestino utiliza em seu discurso o item “*pior*”, mesmo que possa optar pelo vocábulo “*verdade*”. Diante dessa questão, as teorias da sinonímia buscam explicar a relação do significado com os contextos de uso nas escolhas dos vocábulos por parte dos falantes.

Ilari e Geraldi (2006) asseguram que há anos o questionamento sobre “o que é sinonímia?” vem intrigando pesquisadores. A sinonímia toca na questão movediça dos significados e situa-se no espaço da semântica, que também se encarrega de estudar a relação estabelecida entre vocábulos. Nesse entendimento, para os autores a sinonímia pode ser entendida como identidade e significação. E para que duas expressões sejam sinônimas não é suficiente que denotem o mesmo conjunto de objetos, pois espera-se que indique por alusão a uma mesma propriedade.

Sob essa visão, Ilari e Geraldi (2006, p. 44) esclarecem que “para que duas palavras sejam sinônimas é preciso que façam, em todos os seus empregos, a mesma contribuição ao sentido da frase”. Ou seja, é possível considerar que duas palavras sejam sinônimas se também for viável a substituição de uma pela outra, dentro do contexto de qualquer frase, sem que a sentença passe de falsa para verdadeira, ou o oposto disso.

De tal modo, o intuito ao buscar por um vocábulo sinônimo não é somente para que expresse o mesmo significado, mas também que respeite o nível de fala que está sendo desenvolvido, seja dentro da formalidade ou informalidade discursiva. Nesse sentido, a sinonímia da palavra depende diretamente do contexto de emprego, uma vez que não se pode

pensar a sinonímia de vocábulos sem considerar também a comunidade falante. Nas palavras de Ilari e Geraldi (2006, p. 47), “dito de outra maneira, a sinonímia é um fenômeno gradual”, em que o contexto do que será dito também coopera para o entendimento acerca de seu significado.

Para Fernandes (2009), entre as discussões dos semanticistas, aponta-se que a divisão mais viável para estudar o fenômeno linguístico da sinonímia é a partir da perspectiva absoluta, proposicional e parcial. A autora relata que se pode entender como sinonímia absoluta quando vocábulos são caracterizados pelo significado idêntico em todos os contextos de aplicação. Ao contrário dos sinônimos parciais, que apesar de não serem idênticos, podem ser substituídos em um determinado contexto, mantendo o seu valor de verdade sobre o que é comunicado. Em sequência, a sinonímia proposicional ou relativa em termos pragmáticos ocorre quando os lexemas podem ser substituídos em qualquer expressão com propriedades verdadeiras, sem que afete a compreensão.

Logo, a sinonímia é relevante para os estudos linguísticos do campo da semântica, para tratar de escolhas lexicais realizadas por falantes e os sinônimos que correspondem aos vocábulos. No próximo tópico encontra-se considerações referentes ao léxico de uma língua. Elemento significativo na abordagem dessa pesquisa.

2.3 O PROCESSO DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS

Segundo Biderman (2001, p. 13), “o léxico de uma língua natural constitui uma forma de registrar o conhecimento do universo. Ao dar nome aos seres e objetos, o homem os classifica simultaneamente.” Por isso, é a partir do estudo do léxico que se investiga o conjunto de palavras de uma língua e sua possível sistematização, uma vez que cada indivíduo realiza escolhas lexicais ao pronunciar-se socialmente e essas escolhas são justificadas por fatores externos que vão além da língua por ela mesma. A autora complementa que a geração do léxico se processou e ainda se processa através de atos sucessivos de cognição da realidade e também categorização da experiência, que são cristalizadas em signos linguísticos, ou seja, as palavras.

De acordo com Villalva e Silvestre (2014), o léxico pode ser compreendido como um depósito de aspectos essenciais de uma língua, que garante a boa comunicação do próprio falante, baseado nas palavras que ele teve contato ao decorrer da vida e, também, das comumente utilizadas por ele em seu contexto discursivo. Por essa razão, o léxico se estabelece a partir da relação do indivíduo falante, seu contexto de fala e suas intenções

comunicativas, pois uma palavra não terá necessidade de existir se não for para vincular-se a um ambiente de fala.

A despeito disso, Villalva e Silvestre (2014) também acrescentam que o léxico de um adulto é capaz de possuir entre 50.000 e 250.000 palavras, como resultado dos vocábulos adquiridos ao decorrer da vida, a partir da interação: seja com pessoas físicas, livros ou outros acervos que perpassam a linguagem. Além disso, os autores destacam que o conhecimento lexical pertencente a um falante, em um dado momento, pode não ser exatamente o mesmo que ele possuía em uma conjuntura anterior ou posterior, pois o léxico é um saber cumulativo e também degradável. Por essa razão, compreender as escolhas lexicais dos falantes piauienses exige, principalmente, atentar-se para experiência linguística individual dos falantes, influenciadas pelos fatores sociais, históricos e culturais, que são elementos de grande peso nesse processo.

Segundo Viaro (2014), não é possível saber precisamente desde quando existe, no ocidente, a consciência sobre etimologia, mas há relatos de que, pelo menos, há 25 séculos. O autor também ressalta que não se pode provar uma etimologia simplesmente a partir da semelhança formal entre o étimo proposto e as palavras que estão sendo investigadas. Dado que, se ao observar duas línguas quaisquer, for identificado um item lexical que é parecido ou idêntico, tanto no significante, quanto no significado, isso pode ter ocorrido devido a três condições: coincidência, empréstimos ou origem comum.

Dessa maneira, em uma análise etimológica não é suficiente apenas encontrar a língua de origem do étimo da palavra. Cabe ao pesquisador “enfocar o todo que circunda a palavra pesquisada.” (VIARO, 2014, p. 235). Assim, o autor orienta que é de grande relevância focalizar todos os aspectos do vocábulo, na busca por compreender o sistema em que a palavra se insere, bem como, os sistemas que o vocábulo se inseriu desde sua criação.

Nesse sentido, estudar a etimologia de uma palavra requer o conhecimento sobre muitas línguas e também a história dessas línguas, pois, “o português, por exemplo, tem palavras de origem latina, grega, árabe, tupi, iorubá, entre outras” (VIARO, 2014, p. 2). Além de que, considerando as constantes transformações dos quais uma língua passa, não se pode esperar que o português da época medieval seja o mesmo da conjuntura renascentista e moderna.

Segundo Piel (1989), o léxico de uma língua de civilização, como é o caso da língua portuguesa, é um verdadeiro organismo vivo e enigmático, já que procede de um trabalho multissecular de elaboração e de seleção, em que os princípios muito se situam, indo para além da época em que o português se manifesta como instrumento literário nos primeiros

documentos escritos. De acordo com o autor, assim como ocorre com o léxico de outras línguas de culturas diferentes, nunca será possível que se realize a reconstrução de todos os momentos que a língua vivenciou.

Melhor dizendo, é praticamente impossível observar atenta, detalhada e profundamente as colaborações deixadas por cada geração que contribuiu para a construção da língua que hoje é utilizada pelos falantes no Brasil, e que se encontra nos dicionários de língua portuguesa moderna (PIEL, 1989). O autor ainda declara que o longo e laborioso passado histórico da língua portuguesa explica a falta de homogeneidade na língua. Como consequência, o conjunto vocabular do português nunca se manteve estacionado, dado que evoluiu constantemente, em alguns momentos mais e outros menos acelerado.

Além disso, Piel (1989) cita sobre a existência de um latim do qual costumam chamar de “vulgar” por ser coloquial, sempre presente ao lado do latim escrito — com vocabulário mais robusto, literário, conservador e primoroso. O autor destaca estas duas variedades do latim para reforçar que foi desse léxico “popular” que resultou o léxico português. Em conformidade com o autor, Villalva e Silvestre (2014, p. 31) declaram que “a língua portuguesa é uma língua românica, que se individualiza pela combinação da memória do Latim com um conjunto particular de línguas peninsulares e extrapensiuulares.”

Portanto, cabe destacar que a etimologia não se compromete meramente em reconhecer a origem do étimo do qual os vocábulos são formados, pois seu compromisso não é apenas a descrição, mas também a investigação e análise da história do item lexical observado. Por conseguinte, trata-se sobre algumas formações de palavras, uma vez que os vocábulos utilizados por falantes piauienses também passaram por processos de formação.

A priori, os processos de formação de palavras podem ser, sobretudo, de duas formas: com a criação de novos vocábulos mediante outras palavras existentes da própria língua. Ou, com uma nova palavra sendo formada no léxico do português a partir de um vocabulário estrangeiro, de outro idioma. Basilio (2007) discorre que quando se trata de processos de formação de palavras, os mecanismos gerais são derivação e composição.

Além desses tem-se também: a composição, que é caracterizada pela junção de uma base a outra base, para a formação de um novo item lexical. Assim, os itens formados por composição sempre apresentam duas bases, como em *guarda-chuva*, *guarda-roupa*, entre outras (BASILIO, 2007). O processo de hibridismo, que são palavras que contam com elementos de outras línguas para serem formadas, como o que ocorre em *gol+eiro* (*inglês+português*) e *super+pizza* (*português+italiano*) (HENRIQUES, 2021). Outrossim, pode-se acrescentar sobre os neologismos, que comumente ocorrem de duas maneiras:

mediante a utilização de elementos já existentes no idioma, como palavras, prefixos ou sufixos e por meio de empréstimos linguísticos de outras comunidades de fala (regionalismos, gírias, etc) ou de línguas estrangeiras. (BECHARA, 2009)

De modo tal, referente ao estrangeirismo lexical, Alves (2004, p.72) discorre que estes itens lexicais surgem da necessidade do falante de comunicar algo externo a sua língua e cultura. Dentro disso, cabe ressaltar que, no passado, muitas das palavras que hoje se reconhecem como comuns – inclusive, presentes nas escolhas lexicais piauienses – foram estrangeirismos dentro do português brasileiro.

Todavia, apesar da menção dos processos anteriores, é importante destacar que para este trabalho interessa-se conhecer, sobretudo, as formações de palavras por derivação, parassíntese e regressão. Desse modo, a derivação é caracterizada pela adição de um afixo a uma base – seja prefixo ou sufixo. Como exemplo de como acontece, Basilio (2007) apresenta as palavras: *artista* (*arte* + *-ista*), *porteiro* (*porta* + *eiro*) e *reconsiderar* (*re-* + *considerar*), como formas de derivação. A autora também destaca que, na maioria das vezes, a base para a formação de uma palavra derivada é livre, ou seja, trata-se de um vocábulo que, tecnicamente, sem o afixo poderia construir um enunciado com sentido completo. Como exemplo disso, tem-se a palavra “*prejulgar*”, da qual, se o prefixo (*pre-*) for retirado, a base “*julgar*” ainda irá possuir sentido completo.

De maneira oposta, a parassíntese, que nas palavras de Henriques (2021) também é conhecida como circunfixação, apesar de ser um processo derivacional, se distingue da derivação por prefixação e sufixação por envolver a simultaneidade de afixos. Como exemplo, o vocábulo “*anoitecer*”, em que, se o prefixo (*a-*) não for adicionado sincrônico ao sufixo (*-cer*) a palavra não terá sentido completo. Dessa maneira, apesar da semelhança entre parassíntese e processo de derivação por prefixação e sufixação, a distinção ocorre pelo fato de que, no processo de parassíntese a construção do novo item lexical só funcionará com o prefixo e sufixo sendo adicionados ao mesmo tempo.

De acordo com Henriques (2021, p.74), “a regressão caracteriza-se pela formação de um substantivo abstrato de ação a partir de verbo”, chamados de substantivos deverbais. Como exemplo, o autor pontua: *o estudo* (o ato de estudar), *a volta* (o ato de voltar), *a pesquisa* (o ato de pesquisar), *o voo* (o ato de voar). Alguns autores chamam a regressão de derivação regressiva, como é o caso de Basilio (2007), que resume dizendo que nesse processo, a palavra derivante (da qual o novo vocábulo será formado) tem alguma parte retirada.

Isto posto, é possível constatar que há diversos processos de formação de palavras

dentro da língua portuguesa que contribuem para as constantes transformações da língua. Em regiões e grupos sociais as palavras estão constantemente gerando novos itens, para atender a necessidade dos falantes. Como o caso do neologismo “*trem*”, comum entre a população de Minas Gerais, ou até mesmo os inúmeros estrangeirismos presentes nos diálogos em redes sociais.

O fato é que, como enunciado por Antunes (2012, p.28) “todas as palavras remetem ao conhecimento que o homem constrói em sua experiência social com grupos e culturas que participa”. Ou seja, a construção de novos vocábulos, além de indicar sobre a origem do étimo, o processo de formação ou o significado, também indica para a ligação indissociável entre língua, cultura e história do grupo falante que faz uso do termo. A seguir, no próximo capítulo serão apresentados os processos metodológicos que foram utilizados para análise e discussão dos dados das palavras analisadas.

3. PROCEDIMIENTOS METODOLÓGICOS

Na perspectiva de Gatti (2002), a pesquisa é o ato pelo qual procura-se conhecer sobre alguma coisa, com a intenção de criar um corpo de conhecimentos sobre um respectivo assunto. Logo, o ato de pesquisar deve estar acompanhado de certas características específicas. Por isso, diante do amplo espaço que ocupam as pesquisas científicas, elas costumam ser classificadas a partir de pilares como: a natureza, a abordagem, o propósito e os procedimentos utilizados no caminho para alcançar os dados (KAUARK, 2010).

Dessa forma, com base em Gil (2010), esta pesquisa classifica-se na área de conhecimento das ciências humanas, considerada enquanto pesquisa básica pura, haja vista que está destinada “unicamente à ampliação do conhecimento” (GIL, 2010, p. 27). Quanto à abordagem metodológica, é qualitativa, e na concepção do autor, é uma abordagem de análise menos formal em comparação a análise quantitativa e pode ser definida como sequência de atividades que envolve o manuseio de dados, a categorização, interpretação e relato acerca do que foi constatado.

O estudo de campo foi o método aplicado, pois focaliza uma comunidade, seja geográfica, de trabalho, estudo, lazer ou voltada para qualquer outra atividade humana. Posto isso, Gil (2002, p. 53) discorre que a pesquisa de campo, “é desenvolvida por meio da observação direta das atividades do grupo estudado e de entrevistas com informantes para captar suas explicações e interpretações do que ocorre no grupo.” Por isso, para melhor compreender o fenômeno linguístico analisado optou-se por esse método.

Dentro dos objetivos gerais desta pesquisa, classifica-se como explicativa, dado que, de acordo com Gil (2010) a pesquisa explicativa é a que mais aprofunda o conhecimento da realidade, porque busca explicar a razão e o porquê das coisas. Dessa maneira, ao investigar as escolhas lexicais piauienses e a relação com a cultura, não se tem o intuito de meramente os significados que os falantes agregam aos vocabulários, uma vez o que pretende-se é compreender e explicar as motivações e influências que levam a utilização dos itens lexicais.

Por conseguinte, tratando dos instrumentos de pesquisa para coleta de dados, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas, que segundo Bertucci (2009), ocorrem quando é feito um roteiro de entrevista básico, possibilitando ao entrevistador a flexibilidade para introduzir, eliminar ou alterar partes, de acordo com as necessidades da pesquisa, que são identificadas no percurso da entrevista.

À vista disso, esse tipo de entrevista foi escolhido visando proporcionar mais liberdade aos participantes, pois, considerando que, ao exprimir sobre linguagem – que depende do

participante, contexto de fala e outros aspectos – os entrevistados poderiam ter maior liberdade para mencionar vivências ou qualquer outra temática que fosse além do que estaria rigorosamente previsto em uma entrevista de cunho padronizado. Dessa forma, foram entrevistados um total de 7 participantes, todos piauienses que migraram de diferentes cidades do Piauí para morar em Palmas Tocantins.

Assim sendo, os dados para a pesquisa foram coletados em dezembro de 2021, quando a pesquisadora realizou uma viagem de férias para a cidade de Cocal da Estação, no Piauí. A partir de conversas informais no núcleo familiar e com pessoas do comércio local, foram identificadas e coletadas palavras comumente escolhidas por piauienses. Esse fato aconteceu devido a pesquisadora estar cursando a disciplina de semântica e ter o interesse de desenvolver um trabalho nessa área. De maneira tal, ao decorrer do curso a ideia foi amadurecendo, o pré-projeto de pesquisa foi desenvolvido e resolveu-se, atualmente, dar continuidade a pesquisa na estrutura de Trabalho de Conclusão de Curso.

Desse modo, tendo em vista que na viagem feita pela pesquisadora haviam sido coletados vocábulos presentes nas escolhas lexicais de falantes piauienses, usou-se os itens identificados – a fim de conhecer os significados implicados as palavras – em entrevistas semiestruturadas feitas com 7 falantes piauienses que moram em Palmas-TO. Cabe acrescentar que, com a observação e coleta de dados feitos em 2021, a pesquisadora possuía somente um conhecimento empírico e contextual para compreender os vocábulos. Dessa forma, as entrevistas foram realizadas com o intuito de entender, a partir do próprio falante piauiense, qual o significado concebido para cada palavra.

Além dos itens lexicais analisados, outras perguntas foram apresentadas aos 7 entrevistados. Tais como: *“Qual o seu nome e idade?”*, *“Há quanto tempo mora em Palmas?”*, *“O que o motivou a vir para Palmas-TO?”*, *“Qual a profissão que você desempenha?”*, *“Qual a sua cidade natal no Piauí?”*, *“Você conhece as palavras apresentadas?”*, *“Se sim, já fez uso de alguma?”*, *“E em qual contexto de fala você reconhece que eles poderiam ser utilizados?”*

Assim, se o participante conhecia a palavra, foi questionado como ele se sentia ao fazer uso dessas palavras em Palmas-TO. Como também, foi indagado se já vivenciaram alguma situação em que não foram compreendidos – em Palmas-TO – ao fazerem uso das escolhas lexicais apresentadas. Além disso, os participantes foram instigados nas entrevistas a apresentarem palavras que reconhecessem como típicas de seu estado, mas que não fossem comuns em Palmas-TO.

Cinco das entrevistas foram feitas pessoalmente, sendo duas delas no IFTO Campus Palmas e três na casa dos participantes. As outras duas entrevistas, dada a logística de horários e demandas do cotidiano dos participantes, foram realizadas pelo *WhatsApp*, aplicativo de celular para conversas online. Outrossim, cabe ressaltar que o aplicativo foi escolhido pela praticidade que proporciona e pelo fato de possibilitar o uso de mensagens de voz. Portanto, nas entrevistas pelo aplicativo de conversas prezou-se pela comunicação por mensagem de voz, por parte da entrevistadora e dos entrevistados, para que fosse preservado e observado com precisão os detalhes e riquezas proporcionados pelo uso da língua em sua oralidade.

As entrevistas foram feitas entre os dias 11/09/2023 e 17/10/2023. Os piauienses entrevistados são das cidades: Corrente e Cristalândia (ambas cidades de divisa com a Bahia) bem como, Santa Filomena, Floriano (divisa com o Maranhão), Cocal da Estação (divisa com o Ceará) e dois dos participantes são de Luzilândia (localizada na região norte do Piauí). A média de idade entre eles foi de 21 a 43 anos e estão em Palmas de 3 a 27 anos. Em conformidade, todos apresentaram a mesma motivação ao terem se deslocado do Piauí para a capital do Tocantins: a procura por melhores condições de vida, para estudar ou trabalhar.

Em sequência, tem-se as 17 palavras e uma expressão apresentadas nas entrevistas. Porém, é importante pontuar que para este trabalho selecionou-se 10, mediante o critério de vocábulos identificados como mais comuns para os participantes.

Quadro 1 Palavras e expressões apresentadas nas entrevistas

1. Abestado	7. Mangar	13. Abufelar
2. Bulir	8. Triscar	14. Acanhado
3. Distrenado	9. Monstruoso	15. Amancebado
4. Engabelar	10. Pedir penico	16. Amunhecar
5. Frescando	11. Arregar	17. Papagaiado
6. Liseira	12. Esturricado	18. Aperreado

Fonte: Elaboração Própria

Posterior às entrevistas, foram feitas as transcrições e realizada a análise. Para isso, os vocábulos foram dispostos em quadros, contendo o significado e contextos de uso

apresentados pelo falante; significado dicionarizado e etimologia da palavra. Para tal, recorreu-se aos dicionários Houaiss (2001; 2003; 2009), Ferreira (2004) e Cunha (2007).

Na discussão de dados, comparou-se o significado apresentado pelo falante com o dicionarizado e, a partir das considerações teóricas apresentadas na fundamentação teórica do estudo, discutiu-se a sobre sinonímia dos itens, as motivações que levam os falantes a utilizarem tais vocábulos ao invés de outros e a relação da língua com contexto sociocultural do indivíduo. Cabe acrescentar que, prezando pela ética no trabalho, os participantes da pesquisa não foram identificados.

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DE DADOS

Os itens lexicais coletados estão organizados em cinco quadros, em ordem alfabética, contendo dois vocábulos em cada um. Desse modo, em cada quadro, encontra-se a etimologia, significado do dicionário e significado e contexto de uso apresentados pelos falantes. Na discussão dos dados, ponderou-se a relação entre os aspectos semânticos com a sociedade, cultura e identidade piauiense, a partir das teorias apresentadas na fundamentação teórica e os relatos dos participantes.

Quadro 2 - Etimologia e significado dos itens lexicais *abestado* e *acanhado*

Item lexical	Significado dicionarizado	Etimologia dicionarizada	Significado e Contexto de uso para o falante
<i>Abestado</i>	prefixo (a) + raiz (besta) + sufixo (do). Segundo Houaiss (2003), “besta” significa bárbaro, bruto, sanguinário, grosseiro, mal-educado, mula, burro, égua ou jumento.	parte do Latim “béstia”, que significa animal de carga (CUNHA, 2007).	Uma pessoa otária, atrapalhada, sem limites, que rir de tudo e de todos. Ou, em alguns casos, faz referência a um indivíduo com pouco entendimento. Exemplo: “ <i>Uma pessoa besta, que fica repetindo as coisas</i> ”
<i>Acanhado</i>	prefixo (a) + raiz (chan) + sufixo (ado). Segundo Cunha (2007), a palavra parte de “canho” e conforme Houaiss (2001), significa: tamanho pequeno, miúdo, que não tem espaço livre, apertado ou estreito, que não tem facilidade no convívio social. Tímido e retraído.	“canho”, para Cunha (2007) é uma palavra de origem controvertida e quer dizer que é aquele que é mais hábil com a mão esquerda. Para Houaiss (2009), “canho” quer dizer fruto do canhoeiro, com que se produz certa bebida alcoólica (ucanhe) e a etimologia é de uma língua banto nkanyu.	Tímido e quieto. Exemplo: “ <i>Quando alguém chega em algum lugar e fica naquele cantinho ali, na dele.</i> ”

Fonte: elaboração própria

Abestado é um vocábulo que surge do latim e significa um indivíduo bruto, burro, grosseiro e sanguíneo (CUNHA, 2007; HOUAISS, 2003). A palavra passa pelo processo de formação parassintético, em que é necessário a adição de dois afixos simultaneamente para que o novo vocábulo faça sentido. Desse modo, adiciona-se o prefixo (*a-*) e sufixo (*-ado*) a base (*-best-*), formando o adjetivo *abestado*. Referente a etimologia, em concordância com Viaro (2014), o latim foi uma das línguas que mais influenciaram a formação do português.

Os sinônimos apresentados no dicionário e pelos falantes não são totalmente iguais, pois os piauienses utilizam o vocábulo para descrever a uma pessoa atrapalhada e brincalhona, enquanto o dicionário expõe termos como “sanguíneo” e “bárbaro”. Porém, há semelhanças entre eles quando alguns participantes dizem que abestado é “*quem fica repetindo as coisas*” e, no dicionário, ser possível encontrar sinônimos como “burro” e “jumento”. Desse modo, em concordância com Fernandes (2009), este é um caso de sinônimo parcial, que depende do contexto para manter o valor de verdade. Assim, caberá ao falante utilizá-lo para referir-se a alguém “com pouco entendimento” ou a uma pessoa “brincalhona”.

O item lexical *acanhado* é um adjetivo com origem em uma língua banto, colocando em evidência o que Biderman (2001) afirma, a respeito da influência de línguas africanas no contexto linguístico brasileiro do período de colonização. Por essa razão, encontra-se no léxico do português brasileiro as heranças do banto nkanyu. Para Houaiss (2001) o vocábulo analisado significa algo de tamanho pequeno, ou alguém tímido e retraído. Além disso, a palavra *acanhado* passa pelo processo de derivação prefixal e sufixal, diferente do vocábulo *abestado*. Neste caso, apesar de a base (*canho*) receber o prefixo (*a-*) e o sufixo (*-ado*) em sua formação, se a adição de afixos não acontecer simultaneamente, ainda haverá formação de palavra com sentido. Como exemplo “*acanho*”, utilizando apenas o sufixo (*a-*). Além disso, também constata-se grande semelhança entre o significado encontrado no dicionário e aquele mencionado pelos participantes. Um dos piauienses usou *acanhado* para identificar uma pessoa tímida, que ao chegar em uma festa, permanece quieta e sozinha. De maneira similar, Houaiss (2001) aponta que *acanhado* é alguém sem facilidade no convívio social.

Nas duas situações, com a palavra *abestado* e *acanhado*, observou-se que os falantes trouxeram um bom número de sinônimos para expressar o mesmo significado. Este fato está em concordância com a perspectiva de Ilari e Geraldi (2006), quando mencionam que expressões sinônimas são também expressões que o falante tem a atitude de escolher. Portanto, apesar da quantidade de sinônimos que o falante reconhece, essa escolha lexical parte da busca pela palavra que melhor represente o que deseja ser dito, a partir da visão do indivíduo que comunica. Assim, para outra pessoa é possível que “quieto” e “tímido” seja mais adequado e significativo que *acanhado*, porém, como a linguagem é um produto do contexto social, pode-se dizer que cenário sociocultural em que o falante piauiense esteve inserido durante a aprendizagem dos primeiros vocábulos contribui para que ele escolha utilizar *acanhado*.

Quadro 3 Etimologia e significado dos itens lexicais *amancebado* e *aperreado*

Item lexical	Significado dicionarizado	Etimologia dicionarizada	Significado e Contexto de uso para o falante
<i>Amancebado</i>	<p>prefixo (a) + radical (mancebo) + sufixo (ado). Diz respeito ao indivíduo que se amancebou, ligado ou aferrado a alguma coisa ou quem vive em mancebia, concubinato ou amante (HOUAISS, 2001).</p> <p>Houaiss (2001, p. 177), também diz: “ETIM part. de amancebar; ver mancip-”</p>	<p>Houaiss (2001) diz “mancebo” vem do latim, manceps, termo técnico do direito. Propriamente, o que toma em mão alguma coisa para dela tornar-se o adquirente ou reivindicar-lhe a posse. Assim se tem latim culto o radical “mancip”, em que, da forma culta surgem palavras como “emancipação” e o do latim vulgar, “manceb”, tem-se a raiz para amancebado.</p>	<p>Um indivíduo que não é casado civilmente, porém, mora junto com seu parceiro.</p> <p>Exemplo: “<i>É uma pessoa que está amigado, que mora junto. Não casou, mas também tá morando junto, então ela tá amancebado.</i>”</p>
<i>Aperreado</i>	<p>aperreado, tratado como um perro (cão) ou perseguido por perros. Sem liberdade, oprimido, preso, subordinado alguém ou alguma coisa. Quem vive ou está temporariamente sem recursos financeiros, apertado, que se tornou magro, raquítico (HOUAISS, 2001). Segundo o autor (Ibidem), “o ETIM part. de aperrear.”</p>	<p>conforme Cunha (2007), “aperrear” é fazer perseguir por cães ou aborrecer. Palavra advinda do castelhano.</p>	<p>Agoniado, apressado ou apertado. Quando se está com muita coisa para fazer ou com problemas financeiros.</p> <p>Exemplo: “<i>Eita, tô aperreado. Esse mês eu tô apertado, esse mês eu tô apertado, tem nem um real</i>”</p>

Fonte: elaboração própria

Houaiss (2003) descreve o item lexical *amancebado* como amigado, amasiado, ligado de maneira aferreada ou preso a alguma coisa, proveniente do no latim. Na formação da palavra encontra-se o processo de derivação prefixal e sufixal uma vez que ao radical *manceb-* acrescenta-se o prefixo (-a) e o sufixo (-ado). Para explicar o significado, os falantes, majoritariamente, trouxeram a seguinte situação: um casal que mora junto, porém, ainda não possui o casamento registrado no cartório. Alguns deles mencionaram o item “amigado” como sinônimo de *amancebado*, assim como Houaiss (2003). Observou-se, nesse caso, a dificuldade dos falantes para encontrarem palavras que remetessem ao mesmo sentido, isto é,

expressando, em maioria, que não conheciam tantos vocábulos sinônimos que poderiam remeter ao mesmo sentido do item lexical analisado. E isso dialoga com ideia de Guiraud (1980), quando diz que as palavras são criadas para dar nome às coisas ou nomear, de maneira mais eficiente, as que já possuem. Isto é, a linguagem funciona como instrumento para auxiliar a comunicação do falante, como é o caso em *amancebado*, que usando uma só palavra os falantes apresentam ser possível resumir uma situação.

A etimologia de *aperreado* provém do castelhano e no dicionário quer dizer aquele que é tratado como um cão (perro), perseguido por cães ou aborrecer (HOUAISS 2009; FERREIRA 2004). A etimologia espanhola em um vocabulário do português pode ser entendida a partir de Biderman (2001), que expõe que imigrantes vieram para o Brasil no final do século XIX e ao longo do XX, deixando marcas na cultura e léxico do português brasileiro. Em sequência, observa-se que o processo de formação do item parte da derivação sufixal, em que o sufixo latino (-ado) é agregado à base (aperrear). As palavras “*agoniado*”, “*apertado*”, “*avexado*” e “*apressado*” surgiram no discurso dos falantes com o mesmo valor de verdade que *aperreado*. À vista da relação desse significado com o do dicionário, é possível notar semelhanças por associação e a partir do contexto, pois, mesmo que as palavras exemplificadas não sejam iguais, o significado inicial de “*agoniado*” ou “*avexado*”, dado pelos falantes, também expressa o mesmo sentido de alguém que estaria sendo perseguido por cães, como exemplificado no dicionário.

Na análise dos dois vocábulos, foi possível perceber que os falantes reconhecem outras formas de transmitir o mesmo significado, seja por meio de sentenças ou palavras isoladas. Porém, nota-se também que o uso desses termos por esses falantes, além de auxiliá-los a transmitir o que desejam, reforçam sua identidade piauiense, em conformidade com Brayner (2007). Para o autor o local de onde veio e mora e a maneira como fala e se expressa são maneiras de se identificar a identidade de um povo. Assim, seja de maneira consciente ou inconsciente, os vocábulos escolhidos pelos piauienses também são resultados de conhecimentos linguísticos adquiridos no contexto sociocultural do Piauí e das experiências discursivas.

Quadro 4 -Etimologia e significado dos itens lexicais *arregar* e *bulir*

Item lexical	Significado dicionarizado	Etimologia dicionarizada	Significado e Contexto de uso para o falante
<i>Arregar</i>	Segundo Houaiss (2009), arrego expressa	Houaiss (2009) apresenta “arreglo” como ajuste,	Desistir.

	desistência, impossibilidade de continuar suportando uma situação – por medo, irritação, impaciência ou constatação da derrota. Além disso, é sobre ter medo e recuar diante de algo ameaçador, mostrando-se vencido, entregando os pontos. O autor acrescenta que a etimologia provém da palavra “arreglo”.	combinação ou acordo e é uma palavra de origem do espanhol.	Exemplo: “ <i>Fulano deu pra trás, fulano arregou, não deu conta.</i> ”
Bulir	em consonância com Houaiss (2001), significa mover(se) ou agitar(-se) de leve. Mexer(se), deslocar(se), tocar em (algo ou alguém); fazer caçoada; brincar, zombar tirar a virgindade de; deflorar e seduzir	origina-se do latim, “bullo” (HOUAISS, 2001).	Mexer em algo. Principalmente, algo que pertence a outra pessoa. Ou, mexer com alguém no sentido sexual. Exemplo: “ <i>É quando você está mexendo numa coisa que não pode. Algumas pessoas usam isso mais pro lado sexual.</i> ”

Fonte: elaboração própria

Ao procurar-se em dicionários pelo significado da palavra *arregar*, encontrou-se apenas “arrego” (HOUAISS, 2001;2009) e *arregar-se* (FERREIRA, 2004). Diante disso, o dicionário aponta que *arrego* expressa desistência, impossibilidade de continuar suportando uma situação, ter medo, recuar diante de algo ameaçador, mostrar-se vencido, entregar os pontos, entre outros. A etimologia da palavra *arregar* sucede do latim e o vocábulo surge do processo de formação sufixal, pois a base (*arrego*), substantivo masculino, recebe o sufixo (-ar) e a partir disso forma-se o verbo *arregar*. Nas palavras dos participantes, *arregar* é o mesmo que “*desistir*”, “*não ter coragem*”, “*não aguentar*”, “*não dar conta*” e “*dar para trás*”. Dessa forma, é possível dizer que os sinônimos apresentados pelos falantes são similares aos exemplos dispostos nos dicionários, referentes ao item “arrego”, mas que a palavra *arregar*, propriamente, não foi encontrada dicionarizada.

O item *bulir* é um verbo que origina-se do latim e assim como *arregar*, também passa pelo processo de sufixação para ser formado, recebendo sufixo (-ir). O vocábulo denota o ato de mover, mexer, deslocar-se, bem como, caçoar, fazer graça ou até seduzir ou tirar virgindade de alguém (HOUAISS, 2001; 2003; 2009). De modo geral, os participantes citaram o item lexical “mexer” para explicar o significado de *bulir*, uma vez que para eles, *bulir* expressa o

ato de “mexer em algo que pertence a uma outra pessoa”. Dessa maneira, nota-se que o significado do falante e do dicionário para esse vocábulo são iguais.

Diante do exposto, constata-se que na primeira palavra do quadro 4 há diversos vocábulos que, para os falantes e conforme o que encontrou-se no dicionário, fazem referência a *arregar*. Este fato está de acordo com o que Tarallo (2007) discorre, a respeito de que existe no português brasileiro diversas formas de se comunicar a mesma, coisa com o mesmo valor de verdade. Dessa maneira, cabe ao falante, a partir de sua necessidade comunicativa, escolher o que para ele parece mais adequado e significativo no contexto. Com relação ao segundo item, observou-se que apenas um participante apresentou bulir para expressar sentido sexual. Diante do exposto, é pertinente ressaltar que, nos tempos antigos o sexo antes do casamento era proibido. Ou seja, quando acontecia, o ato poderia ser expresso utilizando-se do vocábulo *bulir*. Assim, o exemplo mencionado na entrevista foi: “*Ele buliu na menina*”. Outrossim, referente ao fato de somente uma participante reconhecer esse significado para o termo, é importante pontuar que não é pelo motivo do vocábulo ser de uso comum no Piauí que terá o mesmo significado para as pessoas em todas as cidades, uma vez que Cunha (1975) afirma que nenhuma língua permanece a mesma em todo o seu domínio. Ou seja, os significados dos vocábulos, assim como os próprios vocábulos, estão suscetíveis a mudanças, devido à vivacidade da língua.

Quadro 5 - Etimologia e significado dos itens lexicais *frescando* e *liseira*

Item lexical	Significado dicionarizado	Etimologia dicionarizada	Significado e Contexto de uso para o falante
<i>Frescando</i>	Significado de “frescando” não encontrado. Porém, “fresco”, segundo Cunha (2007), significa temperatura entre frio e morno, viçoso ou verdejante.	“Fresc” vem do francês. (HOUAISS, 2001)	Uma pessoa que tem frescuras para tudo, que tem atitudes que não devem ser levadas a sério. Ou que fica fazendo brincadeiras e mexendo com a outra pessoa. Exemplo: “Fulano tá frescando, fulano é besta, é cheio de coisinha, cheio de mi mi mi.”
<i>Liseira</i>	A palavra liseira não foi encontrada nos dicionários analisados, porém, já o termo “liso” faz menção a algo cuja	A origem de “liso” provém do latim vulgar, “lisius.” (HOUAISS, 2009)	Estar sem dinheiro ou que consegue sair com facilidade de situações complexas.

	superfície não apresenta saliências ou asperezas, que não é ondulado ou crespo, de caráter íntegro; que é verdadeiro, sincero. Ou também alguém sem dinheiro algum; duro, completamente sem dinheiro, inteiramente quebrado. (HOUAISS, 2009)		<i>Exemplo:</i> “Gente liso, sem dinheiro.”
--	--	--	---

Fonte: elaboração própria

O item lexical *frescando* não foi encontrado nos dicionários utilizados para a pesquisa. A palavra que mais se aproximou, nesse processo, foi *fresco*, encontrada no dicionário de Cunha (2007). Segundo o autor, “fresco” indica temperatura entre frio e morno, viçoso e também verdejante e é uma palavra oriunda do francês *Frisk* (HOUAISS, 2001). Desse modo, o vocábulo *frescando* foi formado a partir do processo de regressão, pois, do vocábulo *frescar* formou-se *fresco* e deste formou-se *frescando*. Ao buscar explicar o significado da palavra, alguns participantes apresentaram contextos de uso como: “*Fulano é besta*”, “*Pessoa que fica intimando*”, “*Mexe com outra pessoa*”, “*Que não deixa a pessoa quieto*” e “*Afeminado*”. A vista disso, verifica-se uma grande variedade de sinônimos, na perspectiva dos falantes, para *frescando*.

Paralelo ao item anterior, o significado do vocábulo *liseira* também não foi encontrado nos dicionários analisados. Todavia, encontrou-se o item *liso*, que para Ferreira (2004), é algo de superfície plana. Houaiss (2009, p. 1187) sugere que liso também pode ser: “*sem dinheiro algum; duro [...]; inteiramente quebrado*” e destaca que a origem etimológica da palavra surge do latim vulgar. Isto posto, o vocábulo *liseira* partiu da junção da base (*lis-*) ao acréscimo do sufixo (*-eira*). Nas entrevistas, ocorre o vocábulo “liso” sendo utilizado com o mesmo valor de verdade que *liseira*. Para os entrevistados, ambos expressam falta de dinheiro, em coerência com o significado encontrado no dicionário de Houaiss (2009). Além de “liso”, “duro” é outra palavra utilizada pelos falantes para fazer menção à liseira.

No caso da primeira palavra do quadro 5, nota-se que vocábulos diversos foram relatados pelos falantes para referir-se ao ato de estar *frescando*. Questão que aponta para a riqueza de significados que um vocábulo pode apresentar e também sobre relação singular que cada um possui com os itens lexicais, dialogando com Villalva e Silvestre (2014). Para os autores, o léxico de cada falante depende da apropriação dos estímulos lexicais a que é exposto, portanto, estão conectadas as experiências linguísticas vivenciadas por cada falante.

Assim, mesmo que todos os falantes sejam piauienses, eles moraram em cidades diferentes e estiveram inseridos em contextos diversos em que o vocábulo foi utilizado, ponto que contribui para a pluralidade de significados agregados ao termo. Além disso, cabe mencionar que os dois itens analisados não foram encontrados no dicionário, mas são conhecidos e utilizados por piauienses. Algo que é reconhecido por Bagno (1999), ao destacar que a língua é um organismo vivo em constante movimento, isto é, os significados relacionados às palavras dessa língua acompanham a dinâmica e necessidade dos falantes.

Quadro 6 - Etimologia e significado dos itens lexicais *mangar* e *papagaiado*

Item lexical	Significado dicionarizado	Etimologia dicionarizada	Significado e Contexto de uso para o falante
<i>Mangar</i>	mangar – (mango + ar) é escarnecer fingindo seriedade. Caçoar, expor alguém ao ridículo por meio de atitudes ou palavras maliciosas ou irônicas. Bem como, falar mentiras, iludir, enganar. (HOUAISS, 2009). Segundo o autor (Ibidem), a origem da palavra “mangar” é controversa.	“mango” advém do latim vulgar “manicus” e significa parte de objeto, utensílio, ferramenta mais ou menos reta, estreita e alongada, pela qual ele pode ser agarrado e manejado. Cabo, punho, pau comprido e delgado que serve como cabo ao mangual, ligado ao pírtigo pela correia. (HOUAISS, 2001)	Rir ou debochar de outra pessoa. Exemplo: “ <i>Uma pessoa que fica sorrindo dos outro.</i> ”
<i>Papagaiado</i>	Ferreira (2004) diz que a palavra trata-se de um brasileirismo, de papagaio + ado e significa ostentação ou exibição exagerada e ridícula; papagaíce, atitude para impressionar.	Houaiss (2009) expõe que a origem da palavra “papagaiado” é controversa. Contudo, Ferreira (2004) menciona que a palavra “papagaio” parte do arabe “babagai”, de origem obscura, e trata-se da designação comum a várias espécies de psitacídeos, as quais, por via de regra, imitam bem a voz humana. Quer diz também respeito a uma pessoa que repete o que ouviu ou leu, sem compreender o sentido, pessoa que fala muito; tagarela.	Algo ou alguém extravagante, com muitos adereços chamativos. Exemplo: “ <i>Uma pessoa que é palhaço, fica fazendo marmota.</i> ”

Fonte: elaboração própria

O significado para o verbo *mangar* é escarnecer fingindo seriedade, caçoar, debochar, zombar, expor alguém ao ridículo, enganar, entre outras (HOUAISS, 2001; 2003; 2009). A palavra provém do latim vulgar e é formada por meio do processo de sufixação, em que a base (*mango*) recebe o sufixo (-ar). Em face do exposto, nota-se que *mangar*, conforme os participantes, é o mesmo que rir, ou caçoar de outra pessoa. “*Debochar*”, “*desdenhar*” e “*sorrir*”, são itens lexicais que surgem para explicar, segundo os falantes, o significado do vocábulo. Dessa forma, percebe-se que os significados apresentados pelos falantes são semelhantes aos encontrados nos dicionários. E de igual modo, que os falantes reconhecem outras maneiras de expressar essa ideia, contudo, este item lexical ainda permanece ligado a eles.

O item *Papagaiado* é um adjetivo que, conforme Ferreira (2004), corresponde a um brasileirismo, formado a partir de derivação sufixal, de papagaio + sufixo (-ado) e a origem etimológica advém do árabe “*babagai*”. O étimo da palavra dialoga com Viaro (2014), que cita o árabe como uma língua que influenciou na formação do português. Para os falantes entrevistados, *papagaiado* é um termo utilizado para referir-se a alguém extravagante, que utiliza roupas e acessórios de várias cores, com atitudes que chamam atenção ou, como dito por um dos piauienses: “*pintado de todas as cores*”, fazendo alusão ao animal papagaio. Portanto, o significado evidenciado pelo falante e apresentado em Ferreira (2004) é semelhante, apesar de utilizarem palavras e sentenças diferentes como exemplos.

Sobre este item em específico, cabe acrescentar que para um dos participantes, quando o termo *papagaiado* surgiu na entrevista, ele pontuou que sabia o que significava, mas que há anos a sua cidade não o utilizava tanto, porque foi substituído pela expressão “burra de lapinha”. O piauiense explicou que anos atrás havia chegado um homem por nome “Lapinha” na cidade e este possuía um “burro”. E o animal estava sempre repleto de fitas coloridas e muitos adereços. Assim, os habitantes da cidade foram percebendo que o significado de *papagaiado* era entendido para eles como a mesma coisa que “*burra de lapinha*”, haja vista que o animal também era repleto de fitas coloridas e extravagâncias. Assim, ele menciona que reconhece “burra de lapinha” como expressão semelhante a papagaio, mas que este é um significado mais comum em sua cidade, devido ao contexto. Partindo disso, constata-se novamente sobre a vivacidade da língua, bem como, o quanto o contexto social e cultural estão interligados. Logo, os vocábulos utilizados por piauienses, além de expressarem a ideia que desejam comunicar, também estão carregados de história, cultura e vivências locais.

Por fim, ao serem instigados, a maioria dos participantes mencionaram que permanecem utilizando os vocábulos apresentados na entrevista em Palmas Tocantins e que

os itens nunca dificultaram a comunicação, mesmo que algumas palavras não fossem de conhecimento dos palmenses. Isso remonta a questão contextual relacionada ao item lexical e concorda com Ilari e Geraldi (2006), quando dizem que não se pode pensar a sinonímia da palavra sem considerar a comunidade falante, pois a sinonímia é um fenômeno gradual, dado que o contexto em que um vocábulo é dito também coopera, gradativamente, para o entendimento sobre o significado.

Por isso, quando o falante piauiense escolhe se comunicar em Palmas TO utilizando vocábulos que eram mais comuns de uso no seu estado anterior, mesmo que o falante palmense não tenha conhecido antes a palavra que o piauiense utilizou no diálogo, isso não é empecilho para a comunicação, pois, gradativamente, a partir do contexto de fala, é possível também que se faça a relação sinônima do vocábulo usado pelo piauiense, para com outro que o palmense conhece e usaria naquela situação.

De modo geral, pode-se dizer que das 10 palavras que foram analisadas, 1 pertence a uma *língua banto*, 4 fazem parte do *latim*, 2 são de origem *espanhola*, 1 *francesa* e 1 de origem *árabe*. Vocábulos como estes – presentes nas escolhas lexicais de falantes piauienses – expressam a riqueza e história do português brasileiro e reforçam a ideia de que é no léxico, entre os elementos linguísticos, que ficam registradas as marcas de características culturais e identitárias. Além disso, entre as 10 palavras analisadas, encontrou-se, exclusivamente, quatro processos de formação: derivação prefixal e sufixal, parassintética e derivação sufixal e uma regressão. E os afixos utilizados nos vocábulos foram todos do latim, que indica que os afixos do latim ainda permanecem produtivos, principalmente em processos de derivação.

Outrossim, nas entrevistas os participantes mencionaram que mesmo com a troca de estados, imediatamente substituir os itens lexicais que antes eram constantemente utilizados por eles no Piauí não é algo cabível, uma vez que, suas escolhas ocorrem de maneira espontânea porque já fazem parte de quem eles são. Assim, um dos participantes destacou que apesar de ter se afastado dos vocábulos – em vista de situações de preconceito linguístico que vivenciou – reconhece a necessidade de retomar os seus usos no cotidiano, haja vista que encontra nisso uma relação com sua identidade e sua origem. Em consonância, outro participante também relatou que entende o uso desses itens lexicais como parte de sua herança linguística, “*porque é a riqueza de meus pais né, aí eu acho que como esses sotaques, essas palavras, eu acho tipo como uma riqueza que eles vão deixar pra mim, tipo uma herança.*”

Outra questão pertinente que foi observada refere-se à situação de um falante piauiense que, residindo em Palmas há longos anos, no início da entrevista diz, em tom de brincadeira, “*eu sou tocaninense*”. E após reconhecer todos os vocábulos, acrescenta que

possivelmente não usa mais nenhuma das palavras apresentadas. Quando questionado sobre o motivo, ele respondeu que é: *“porque mudô”*. Situação similar à de outro participante, que menciona ter se adaptado com a “linguagem de Palmas”, porque assim como outras coisas em sua vida mudaram, *“a linguagem também muda”*.

Logo, as escolhas lexicais feitas por um falante podem tanto contribuir para a manutenção da cultura e identidade – para mantê-las vivas – como também para a transformação. Como fundamentado anteriormente por Hall (2006) a identidade está sempre em processo, sendo transformada. Isto é, sucessível a influência dos grupos sociais, podendo o indivíduo assumir identidades diversificadas em diferentes momentos de sua vida. Por essa razão, cabe acrescentar que, por esse motivo, a pesquisadora, descendente de piauienses, busca aproximar-se desses termos desde a infância e apoderar-se deles em seu cotidiano. Quando faz uso dos vocábulos, ela compreende que além de transmitir suas intenções, também contribui para o reforço da identidade linguística que possui: piauiense.

Dessa forma, diante das análises, constata-se que os falantes possuem um conhecimento abrangente de sinônimos que correspondem aos itens lexicais analisados. Em face disso, é possível dizer que a questão do léxico e sinonímia não se restringe apenas a uma lista de palavras que podem ser equivalentes e utilizadas pelos falantes. Porque a palavra também possui valor estilístico, como abordado por Guiraud (1980), exprimindo emoções, desejos do falante e associado ao grupo social que pertencem. Um dos participantes mencionou: *“Todas as palavras que você falou, eu posso não saber o significado de algumas, mas todas vêm da minha família. Vem do meu avô, vem da minha vó, tudo dali, herdando deles. E eu quero que os meus filhos tenham a mesma herança que eu tive. Que eles se sintam piauienses.”*

Portanto, conclui-se que o léxico de um indivíduo é construído dentro de um contexto sociocultural e as palavras que um falante do Piauí utiliza, consciente ou inconscientemente, aponta para os impactos de sua cultura na escolha de seus vocábulos. Assim, a “piauiensidade” abordada por Moraes (2012) e Costa e Freitas (2020) também pode ser evidenciada no léxico piauiense, dado que há uma intersecção entre os vocábulos de uso comum no Piauí e a cultura do respectivo povo piauiense.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo referente às "*Escolhas Lexicais Piauienses: o encontro entre língua e cultura*", abordou vocábulos presentes na fala de indivíduos do Piauí, que atualmente moram em Palmas Tocantins, fazendo uma intersecção das questões linguísticas com os aspectos da cultura e sociedade piauiense. As perguntas de pesquisas foram respondidas, uma vez que se constatou que as escolhas lexicais utilizadas pelos migrantes são compreendidas no contexto cotidiano da cidade de Palmas-TO. Os fatores socioculturais que influenciam essas escolhas ocorrem, principalmente, devido a origem dos falantes, haja vista que foi dentro do contexto social e linguístico do Piauí que os participantes tiveram suas primeiras impressões das palavras e construíram grande parte do léxico que detém.

A hipótese da pesquisa foi confirmada, em razão de que além das escolhas lexicais piauienses serem influenciadas pelos fatores socioculturais relacionados a origem do falante e compreendidas em Palmas-TO, contribuem para a comunicação destes e reforçam a identidade piauiense. Ademais, pode-se afirmar que os objetivos da pesquisa foram alcançados, por meio da identificação e análise do *corpus*. Dado que, a partir da realização das entrevistas com piauienses de diferentes cidades, os termos foram identificados e os significados, motivações e etimologias foram reconhecidos e discutidos. Por meio das entrevistas também foi possível a compreensão da maneira como essas escolhas relacionam-se à cultura e identidade piauiense, mostrando a coerência entre os dados da pesquisa e as teorias traçadas inicialmente.

Diante do exposto, espera-se que este trabalho contribua para com as pesquisas do campo linguístico e social, dado que analisa aspectos da língua, mas também, os fatores sociais que se inserem a ela, considerando o território geográfico, a cultura e a identidade do indivíduo falante. Além de que, a partir da pesquisa, constatou-se a variedade que há no que diz respeito ao léxico do português brasileiro, bem como, a maneira com que as escolhas lexicais de um indivíduo contribuem para a noção de pertencimento, cultura, identidade e herança linguística.

Espera-se também que o estudo contribua para o trabalho sobre o léxico em sala de aula, dado que se observou que a semântica, por exemplo, não é um campo de estudos somente para conhecer e relatar os significados dos vocábulos, mas que aborda os sentidos das palavras considerando o peso e influências da cultura e sociedade sobre elas. De forma tal, a pesquisadora enquanto futura docente espera utilizar a pesquisa desenvolvida, de maneira adaptada, em aulas de língua portuguesa, com o intuito de propiciar que os discentes

percebam que a etimologia, o léxico, a sinonímia e a cultura são temáticas presentes no cotidiano de cada indivíduo. E de igual modo, que os itens lexicais e os significados apresentados no ambiente escolar são utilizados para além da sala de aula, em vista de que a linguagem é um elemento fundamental para a sociedade.

Portanto, a língua deve ser apresentada como instrumento de empoderamento social, e não de dominação, gerando preconceito e segregação àqueles que utilizam de vocábulos oriundos de sua terra de origem – é a sala de aula o lugar propício para essas discussões. Em face do exposto, este trabalho também busca contribuir para o combate ao preconceito linguístico e valorização das diferentes escolhas lexicais que um falante pode executar. Por essa razão, ter a compreensão a respeito disso é de grande relevância para o professor de língua portuguesa.

Nesse sentido, a pesquisadora dispõe do interesse de realizar estudos posteriores a este, a fim de contribuir para as discussões teóricas sobre língua, cultura e sociedade que abordem a temática e seus inúmeros desdobramentos teóricos. A pesquisa, nessa área, além de ser importante no quesito social e linguístico, também contribui para a afirmação e manutenção da identidade linguística tocantinense-piauiense da pesquisadora.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Ieda Maria. **Neologismo, criação lexical**. 2. ed. São Paulo: Ática, 2007.
- ANTUNES, Irandé. **Território das Palavras: o estudo do léxico em sala de aula**. São Paulo: Parábola, 2012.
- BASILIO, Margarida. **Teoria lexical**. 8.ed. São Paulo: Ática, 2007.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico: o que é, como se faz**. São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- BRAYNER, Natália Guerra. **Patrimônio cultural imaterial: para saber mais**. IPHAN. Brasília, 2007.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BERTUCCI, Janete Lara de Oliveira. **Metodologia básica para elaboração de trabalhos de conclusão de cursos (TCC): ênfase na elaboração de TCC de pós-graduação Lato Sensu**. 1. ed. São Paulo: Atlas, 2009. 124 p.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. A formação e a consolidação da norma lexical e lexicográfica no português do Brasil. In: **História do saber lexical e constituição de um léxico brasileiro**. São Paulo: Humanitas / FFLCH / USP: Pontes, 2002.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **O português Brasileiro e o Português Europeu: Identidade e contrastes**. Persee, 2001.
- BORGES, Cejana Marques *et al.* **Tocantins: o crescimento e o desenvolvimento econômico regional com a criação do novo estado**. 2013. Gestão & Regionalidade. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1334/133426307008.pdf>. Acesso em: 25 set. 2023.
- CANÇADO, Márcia. **Manual de semântica: noções básicas e exercícios**. 2. ed. Belo Horizonte: Ufmg, 2008. 176 p.
- CUNHA, Celso. **A política do idioma**. São Paulo: Tempo Brasileiro, 1975.
- PÓVOA, Liberato. **História Didática do Tocantins**. 3. ed. Goiás: Kelps, 2004. 129 p.
- COSTA, Douglas Pereira da; FREITAS, Antoniêdo Araújo de. **A piauiensidade como identidade cultural na formação de pedagogos: relato de experiência do projeto de visita ao museu do Piauí**. 2020. Revista Conexão UEPG. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/conexao/article/view/15412/209209213532>. Acesso em: 29 set. 2023.
- CONEXÃO TOCANTINS. **Estado novo e com oportunidades: Tocantins atrai pessoas em busca de melhoria de vida**. 2013. Conexão Tocantins. Disponível em:

<https://conexaoto.com.br/2013/10/03/estado-novo-e-com-oportunidades-tocantins-atrai-pessoas-em-busca-de-melhoria-de-vida>. Acesso em: 26 mar. 2023

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital, 2007.

DIAS, Ana Lourdes Cardoso. **O ESTADO DO TOCANTINS**. In: AGUIAR, Maria Sueli de *et al* (org.). Um olhar linguístico e histórico-social sobre Goiás: língua portuguesa. Curitiba: Crv, 2018. Cap. 4, p. 45-58.

FERNANDES, Nina João Seabra Amaral Braz. **Relações Semânticas de Sinonímia e Antonímia**: contributo para o desenvolvimento da competência lexical na aula de português língua estrangeira. 2009. 138 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras. Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal, 2009, 138 p.

GATTI, Bernardete Angelina. **A construção da pesquisa em educação no Brasil**. Brasília: Plano, 2002.

FRANCO, Roberto Kennedy Gomes. **Histórias Oraís dos Remanescentes Indígenas no Território do Piauí no Século XXI**. 2014. Disponível em: https://www.encontro2014.historiaoral.org.br/resources/anais/8/1397450498_ARQUIVO_TEXTOCOMPLETOHistoriasOraisdosRemanescentesIndigenasnoTerritoriodoPiauinoSeculoXXI.pdf. Acesso em: 22 set. 2023.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. Curitiba: Positivo, 2004. 3. ed. 2120 p.

GATTI, Bernardete Angelina. **A construção da pesquisa em educação no Brasil**. Brasília: Plano, 2002.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010. 184 p.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. 176 p.

GOUVEIA, Jorge. **Migrantes comemoram desenvolvimento nos 20 anos do Tocantins**. 2008. Disponível em: <https://www.to.gov.br/secom/noticias/migrantes-comemoram-desenvolvimento-nos-20-anos-do-tocantins/78i1bkm1towh>. Acesso em: 26 mar. 2023.

GUIRAUD, Pierre. **A Semântica**. Rio de Janeiro: DIFEL, 1980.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomáz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A. 2006.

HENRIQUES, Claudio Cezar. **Morfologia**: Estudos lexicais em perspectiva sincrônica. 5 ed. Rio de Janeiro: Alta Books, 2021.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: objetiva, 2001. 2922 p.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss de Sinônimos e antônimos**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003. 953 p.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: objetiva, 2009. 1986 p.

ILARI, Rodolfo; GERALDI, João Wanderley. **Semântica**. São Paulo: Ática, 2006.

LIMA, Nilsângela Cardoso (org). **Páginas da História do Piauí colonial e provincial**. Teresina: EDUFPI, 2020. 278 p.

KAUARK, Fabiana da Silva; MANHÃES, Fernanda Castro; MEDEIROS, Carlos Henrique. **Metodologia de Pesquisa: Um Guia Prático**. Bahia: Via Litterarum, 2010. Disponível em: http://www.pgcl.uenf.br/arquivos/livrode Metodologia de Pesquisa 2010_011120181549.pdf. Acesso em: 10 out. 2023.

LOPEZ, Debora Cristina; DITTRICH, Ivo José. **Identidade lingüística: regionalização ou padronização?**. regionalização ou padronização?. 2005. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/lopez-debora-dittrich-ivo-identidade-linguistica.pdf>. Acesso em: 08 out. 2022.

MATTOS e SILVA, Rosa Virgínia. **Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

MARTINS, Thaís Ibiapina. **Território e formação sociocultural da identidade de ser palheiro em Campo Maior-PI: novas orientações**. novas orientações. 2014. Disponível em: https://www.29rba.abant.org.br/resources/anais/1/1401975148_ARQUIVO_Territorioeformacao sociocultural da identidade de ser palheiro em Campo Maior.pdf. Acesso em: 15 nov. 2023.

MORAES, Deusval Lacerda de. **O que é piauiensidade?** 2012. Disponível em: <https://www.gp1.com.br/blog/opiniao/2012/12/23/o-que-e-piauiensidade-280919.html>. Acesso em: 19 nov. 2023.

NAPOLEÃO, Mendes de Almeida. **Dicionário de Questões Vernáculas**. São Paulo. Ática, 2001. 618 p.

NASCIMENTO, Júnior Batista do. **Tocantins: história e geografia**. 9. ed. Palmas: Wt Gráfica, 2019. 180 p.

NEPOMUCENO, Talyta Marjorie Lira Sousa. **A colonização e a inserção dos escravizados no Piauí, do século XVI ao início do século XIX**. 2020. Disponível em: <https://revistas.ufpi.br/index.php/contraponto/article/view/12926>. Acesso em: 15 nov. 2023.

NEGREIROS, Valério Rosa de; PINHEIRO, Áurea da Paz. **História, memória e patrimônio cultural no Piauí**. 2012. Disponível em: <https://gthistoriacultural.com.br/VIsimposio/anais/Valerio%20Rosa%20de%20Negreiros%20&%20aurea%20da%20Paz%20Pinheiro.pdf>. Acesso em: 27 set. 2023.

PIEL, Joseph Maria. **Origens e Estruturação do Léxico Português**. 1989. Disponível em: http://cvc.instituto-camoes.pt/hlp/biblioteca/origens_lex_port.pdf. Acesso em: 20 jun. 2022.

PINHEIRO, Áurea; MOURA, Cássia. **Celebrações: santos e devotos na tradição oral.** santos e devotos na tradição oral. 2009. Disponível em: https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548772191_5e2897e804e0366b8d3127644b222995.pdf. Acesso em: 12 fev. 2023.

RUFO, Tiago Fernandes; SOBRINHO, Fernando Luiz Araújo.

O processo de formação territorial do estado do Piauí e as transformações recentes na mesma região do sudeste piauiense. 2015. Espaço & Geografia, Vol. 18, No 1. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/espacoegografia/article/view/40029/31121>. Acesso em: 25 set. 2023.

SOARES, Wellington. **Gastronomia.** In: SANDER, Emir *et al* (org.). O Portal Brasil Contemporâneo: Rio de Janeiro: Pêrplos, 2018. Cap 2, Piauí. p. 40-50.

TARALLO, F. **Pesquisa sociolinguística.** 8. ed. São Paulo: Ática, 2007.

VILLALVA, Alina; SILVESTRE, João Paulo. **Introdução ao estudo do léxico: Descrição e análise do Português.** Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

VIARO, Mário Eduardo. **Etimologia.** São Paulo: Contexto, 2014. 331 p.

IBGE (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA). **Piauí.** 2022. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pi/historico> Acesso em: 29 set. 2023.

IBGE (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA). **Censos demográficos, econômicos e agropecuários.** Anos: 2000 e 2010. Biblioteca digital. Rio de Janeiro. Disponível em: < www.ibge.gov.br >. Acesso em: 20 set. 2023.